Diurna.

a ousadia de escrever

OUT 2023

Nº 12

ANO 4

Número XII

Diurna.

O Jornal Nacional dos Estudantes da Universidade Católica Portuguesa

Porto | Lisboa | Braga | Viseu

Edição | Outubro 2023

D.

DIREÇÃO NACIONAL

Diretora Nacional
Catarina Andrade

Editor in Chief - Porto
Beatriz dos Reis Nobre

Editor in Chief - Lisboa
Maria Pia Silva

EQUIPA EDITORIAL

Porto

Duarte Proença de Carvalho
Aurora Campos
Catarina Samões
Alexandra Carvalho

Lisboa

Vicente Baltazar
Rui Lopo
Ana Lorena de Sèves
Rita Menezes

Braga

David Gomes Vaz

Viseu

Francisco Burello

MARKETING MANAGEMENT

Diana Sanches
Adriana Menezes

D.

D.

AGRADECIMENTOS

A equipa do Diurna. dedica esta 12.ª Edição à Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa, em especial, aos Senhores Diretores das Escolas do Porto e de Lisboa, Prof. Doutor Manuel Fontaine e Prof. Doutora Ana Taveira da Fonseca, por acreditarem no nosso projeto e continuarem, ano após ano, a torná-lo possível.

Ainda, por todos os conselhos e cuidado, à Senhora Juíza Conselheira Maria dos Prazeres Beleza, à Prof. Doutora Maria da Glória Garcia e à Prof. Doutora Rita Lynce de Faria.

Aos nossos Autores, em especial, aos que nos deram a honra de uma tão agradável conversa, Ana Maria Magalhães, Isabel Alçada e Luís Marques Mendes.

Por último, ao Nuno Brochado de Agarez, pensador do Diurna., por ter estado na linha da frente ao longo dos últimos três anos e por ter acreditado na nossa capacidade de manter vivo o projeto que criou e que lhe foi e é tão querido.

Diurna.

D.

UMA NOVA EQUIPA. UMA NOVA IMAGEM.
A MESMA OUSADIA DE ESCREVER.

D.

ÍNDICE

Editoriais
Catarina Andrade, Beatriz dos Reis Nobre e Maria Pia Silva
Diretora Nacional e Editors-in-Chief do Diurna.

JMJ 2023
A Jornada Mundial da Juventude em 2023
Cardeal D. Américo Aguiar
Bispo de Setúbal e Presidente da Fundação JMJLisboa2023

JMJ 2023
Chegámos sós, despedimo-nos unidos
Maria Soares Cardoso
Aluna de Licenciatura da Faculdade de Direito (Escola de Lisboa)

JMJ 2023
Testemunhos
Jovens peregrinos do mundo

25 anos depois: Portugal faz bem
João Paulo Velez
Ex-Porta-Voz da Expo'98 e Ex-Diretor de Comunicação do Parque Expo

Israel x Palestina
Vasco Rato
Comentador político e doutorado em ciência política

Por mares nunca dantes navegados
Ricardo Alves Monteiro
Alumnus da Católica Lisbon School of Business and Economics

Impactos na economia em geral, para o investimento e a atividade empresarial de períodos com taxas de juro mais altas
Pedro Cassiano Santos
Sócio Responsável pela Área de Bancário & Financeiro da VdA

Sociedades comerciais britânicas com atividade em Portugal
Pedro Leitão Pais de Vasconcelos
Professor Auxiliar Convidado da Faculdade de Direito (Escola de Lisboa)

A nova lei das sociedades desportivas
Maria de Fátima Ribeiro
Professora Associada da Faculdade de Direito (Escola do Porto)

O voto é uma arma, os ovos são uma droga
Tiago Duarte
Professor Convidado da Faculdade de Direito (Escola de Lisboa)

Um tigre que não deixa dormir a China
Gustavo Francisco Quinteiro
Aluno de Mestrado da Faculdade de Direito (Escola de Lisboa)

Personalidade em Destaque
com Luís Marques Mendes
Comentador político e consultor na Abreu Advogados
Catarina Andrade e Luís Duarte

Quem conta um conto...
Jaz morto, e apodrece
Joana Coelho Yee
Aluna de Licenciatura da Faculdade de Direito (Escola de Lisboa)

A tua ousadia de escrever
Errar é humano, persistir também
Francisco Almeida Amaral
Aluno de Licenciatura da Faculdade de Direito (Escola do Porto)

A tua ousadia de ler
Abraham Lincoln
Carlos Paiva Raposo
Aluno de Mestrado do Instituto de Estudos Políticos

A tua ousadia de ler
Democracia em crise: Portugal à beira do abismo político?
Henrique Quaresma
Aluno de Mestrado da Católica Lisbon School of Business and Economics

Os desafios das cidades
António Guilherme de Almeida
Deputado à AR pelo PSD

Os dias difíceis do jornalismo
Leonor Ferreira
Jornalista da TSF e Assistente Convidada da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

Uma Aventura...
com Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
Escritoras portuguesas
Catarina Andrade

Amor fati
Miguel do Carmo Mota
Assistente Convidado da Faculdade de Direito (Escola de Lisboa)

Homos Internacionales e a "carta de Bruges"
Francisco Mendes-Palma
Diretor Global Engagement UCP

Estudar melhor
Agostinho Guedes
Professor Associado da Faculdade de Direito (Escola do Porto)

O planeta das emoções
Rafael R. Ribeiro
Aluno de Doutoramento em Ciências da Cognição e da Linguagem

Terapias dirigidas nas doenças do sangue: o tiro certeiro
António de Almeida
Diretor Faculdade de Medicina

A tua ousadia de escrever
Somos aquilo que comemos
Maria Carolina Santos
Alumna da Escola Superior de Biotecnologia

Este país não é para jovens
Patrícia Gilvaz
Deputada à AR pela IL

Arte em destaque
Ser fadista na viragem do século
Maria Ana Bobone
Fadista portuguesa

Os Preferidos
com Rui Medeiros
Professor Catedrático da Faculdade de Direito (Escola de Lisboa)

D.

EDITORIAL

Vivemos uma revolução sem antecedentes, por ser a primeira que deixa a promessa de conseguir tornar produto da automatização as últimas habilidades que restam aos seres humanos enquanto tais. Não sabemos como é que as inovações do presente influenciarão os seus destinatários, nem sequer quando é que a sociedade tecnológica parará de se reinventar. Não somos capazes de imaginar o mundo do futuro (porque qualquer tentativa de o fazer sairia certamente frustrada), mas queremos acreditar que temos o que é preciso para nos tornarmos seres humanos mais capazes de o inteirar.

Num mundo em que a informação existe em demasia, quem tem olhos de futuro não quer apenas saber, quer aprender a saber pensar. Este e outros compromissos para com o desenvolvimento só são possíveis porque estudamos numa Universidade que antes de ensinar o que é, ensina a razão de ser assim.

Agora, e mais do que nunca, o Diurna. quer solidarizar-se com os desafios das Universidades, incentivar o espírito crítico e a reflexão, acompanhar o ritmo da mudança e ser parte na resposta aos problemas de amanhã. Este ano, decidimos apostar na especialização do conhecimento numa visão interdisciplinar, na confiança de que, por um lado, a crescente complexidade do conhecimento exige uma atenção individualizada a cada área do saber, por outro, de que apenas em diálogo conseguiremos pensar no que ainda virá.

Por assim ser, apresentamo-nos com uma nova equipa e horizontes alargados. Pela primeira vez, os nossos editores estudam Direito, Economia, Gestão, Ciência Política, Comunicação, Medicina, Psicologia, Marketing e Artes.

São estes os nomes que nos próximos meses darão vida ao Diurna.:

Catarina Andrade
DIRETORA NACIONAL

D.

DIREÇÃO NACIONAL

DIRETORA NACIONAL Catarina Andrade | Direito

EDITOR-IN-CHIEF PORTO Beatriz dos Reis Nobre | Direito

EDITOR-IN-CHIEF LISBOA Maria Pia Silva | Direito

EQUIPA EDITORIAL

PORTO

Duarte Proença de Carvalho | Direito

Aurora Campos | Direito

Catarina Samões | Direito e Gestão

Alexandra Carvalho | Artes

LISBOA

Vicente Baltazar | Economia

Rui Lopo | Ciência Política

Rita Menezes | Psicologia

Ana Lorena de Sèves | Medicina

BRAGA

David Vaz | Comunicação

VISEU

Francisco Burello | Gestão

MARKETING MANAGEMENT

Diana Sanches | Marketing

Adriana Menezes | Marketing

D.

EDITORIAL
CATÓLICA NO PORTO

O início de um novo ano. A palavra "início" carrega consigo as expectativas, a esperança, a curiosidade, carrega consigo o novo. E o Diurna. acompanha este embalo de "inícios" começando um novo capítulo na sua história.

Nasce uma nova equipa. Uma equipa que vai de Braga a Lisboa, do Norte de Portugal até à Capital, abarcando a Invicta até à cidade de Viriato, mas sobretudo uma equipa composta por jovens. Os nossos leitores podem perguntar-se sobre o porquê de se frisar o jovem. Vivemos tempos instáveis, em que se apenas observamos o imediato e podemos entrar em descrença total no mundo. E aqui entra a juventude. Estamos perante uma geração de jovens multicompetentes, que integram as diversas áreas do saber e que se propõem a irem além do que lhes é transmitido.

O Diurna. é um espelho dessa multidiversidade existente no mundo e, principalmente, no nosso país. Continuamos com o mesmo propósito, o de estimular o pensamento crítico, e, principalmente, com a mesma ousadia de escrever.

Uma boa leitura a todos,
A equipa do Porto.

BEATRIZ DOS REIS NOBRE
Editor-in-Chief - Porto

D.

EDITORIAL
CATÓLICA EM LISBOA

Na edição precedente, fizemos a promessa de que o Diurna. ainda teria um futuro por contar. Com o estrear desta edição, concretizamos essa promessa e assinalamos o começo de um novo ano, com tudo aquilo que ele nos trará.

Muitos se podem questionar sobre como é que nos surgem as ideias, sobre como é que pensamos nos temas, nas pessoas que os escreverão ou nas entrevistas que faremos. A resposta é simples. Cada um de nós encerra em si algo de escritor ou de artista, uma memória que gostaria de contar, uma ideia por partilhar, uma imagem que poderia descrever um milhão de emoções, uma tela em branco que já pensou em preencher com várias cores ou apenas a preto e branco.

É esse o nosso propósito: dar palco a todos os escritores e artistas dispersos por esse mundo fora. Visamos, pois, imortalizar as palavras, por forma a não as deixar fugir, palavras essas que ecoarão, para todo o sempre, dentro das paredes dos textos a que ousámos dar voz. Agora, com uma equipa diversificada pelas mais distintas áreas do saber, desde Direito, a Economia, a Gestão, a Ciência Política, a Comunicação, a Medicina, a Psicologia, a Marketing e a Artes, iremos, como nunca, abrir portas à imaginação e dar-lhe asas.

Em tempos incertos e de mudança, que abalam o mundo, reconforta-nos o saber de que a continuidade que transparece como marca d'água do Diurna. mantém-se inalterada. Enquanto existir uma voz, um pensamento, ou uma reflexão, o Diurna. continuará a ousar dar-lhe palco.

Em nome da equipa de Lisboa,

Votos de uma boa leitura.

MARIA PIA SILVA
Editor-in-Chief - Lisboa

D.

JMJ 2023

TODOS
TOD.OS
TODOS

JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE 2023

LISBOA

O **Diurna.** é um projeto de pessoas que tentam viver numa busca incessante por um mundo melhor, mais esclarecido, mais ponderado nas suas vocações e nas suas decisões. Com coragem e clareza.

Foi esse **Diurna.**, com o chapéu de repórter, que se cruzou com o Papa Francisco quando o recebemos no campus da Universidade Católica Portuguesa. Temos para nós uma muito grande veneração pelos Homens. Pelos que são inteligentes e sensíveis ao outro e à realidade. Pelos que se deixam tocar pelas emoções do coletivo e daí conseguem extrair e construir um discurso agregador, que não polarize mas aglutine.

Foi nessa mundividência que nos cruzámos com Francisco. Porque as suas palavras são universais, sábias, mas ao mesmo tempo de senso comum. Um senso comum que rareia e que, a par da sua aura, lhe conferem uma autoridade maior. Uns admiram no Papa Francisco o Sucessor de Pedro… outros admiram o Homem. Talvez estas duas realidades não possam ser consideradas como uma só, porque comportam exigências e fardos diferentes, contudo, é certo que ambas foram populadas pela bondade e ímpeto de Jorge Bergoglio.

Num tempo de turbulências, "todos, todos, todos" (quantos querem ou são capazes desse dom da Fé no outro ou em algo superior) podem encontrar em Francisco um ponto de luz, branco como as suas vestes.

O **Diurna.** regista com muito entusiasmo os percursos abertos pelo Santo Padre, por serem de apelo - em muitas dimensões - à criação de uma casa comum. Esperamos estar por cá para escrever sobre os corajosos que por esses trilhos farão travessias do deserto, na Cúria, nas Paróquias, na Sociedade e nos cantos esquecidos do Mundo.

"Não devemos ter medo de nos sentirmos inquietos, de pensarmos que o que fizemos não é suficiente. Estar insatisfeito neste sentido e na sua justa medida é um bom antídoto contra a presunção de autossuficiência e contra o narcisismo."

Para o **Diurna.**, para qualquer um dos supramencionados e, em boa verdade, para todos nós, há ainda muito caminho a percorrer.

A equipa do **Diurna.**.

A JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE EM 2023

POR D. AMÉRICO AGUIAR

Escrever sobre as Jornadas Mundiais da Juventude é sempre uma ousadia! Porque nos vêm à memória uma multiplicidade de imagens e sentimentos, difíceis de exprimir. Vivi várias Jornadas como peregrino, outras à distância, uma de forma particularmente atenta à sua organização e a nossa Jornada, a JMJLisboa2023. Cada Jornada é única, mas todas são inesquecíveis. Assim o afirmam peregrinos de todo o mundo, passe o tempo que passar. Outra particularidade das Jornadas é que apesar de todos os países anfitriões se preocuparem e bem, com a alimentação, os transportes, as condições dos alojamentos, para os peregrinos o que mais importa é o encontro, o que mais recordam são as amizades criadas, o acolhimento que receberam, a alegria de se sentirem irmãos, reunidos pelo Papa, em nome de Jesus.

"Cada Jornada é única, mas todas são inesquecíveis. Assim o afirmam peregrinos de todo o mundo, passe o tempo que passar."

A nossa Jornada teve tudo isto. Enquanto Presidente da Fundação JMJLisboa2023, trabalhei com uma vasta equipa e a logística foi uma grande preocupação, tal como foi o trabalho dos voluntários, o acolhimento aos peregrinos, a dimensão pastoral e espiritual de toda preparação da Jornada e a duração da primeira semana de agosto de 2023. Mas aquilo de que todos mais nos lembramos é a alegria dos jovens nas ruas, a alegria das famílias de acolhimento aos falarem dos «seus» peregrinos, as histórias felizes das paróquias que tudo fizeram para receberam os «seus» jovens.

Recordamos com emoção o desfilar de bandeiras no Parque Eduardo VII, o silêncio extraordinário na noite da Vigília no Parque Tejo. As palmas sem fim que se ouviam sempre que o Papa se aproximava, num desejo incontido de lhe dizermos o quanto o estimamos, o quanto lhe agradecemos tudo o que ele nos dá. Ninguém ficou indiferente à beleza da Via Sacra, nem ao nascer e pôr do Sol que o rio Tejo oferece. E podia continuar a descrever o dia a dia daquela semana, sabendo que me faltariam sempre momentos e palavras. O que não me pode faltar é a referência à Peregrinação dos Símbolos das Jornadas, a Cruz de madeira e o Ícone de Nossa

Senhora. Já tive ocasião de dizer e escrever, tive o privilégio de poder acompanhar esta Peregrinação por todo o nosso País. Desde que a Cruz atravessou o rio Guadiana e chegou a Portugal, estive presente em todas as Dioceses, acompanhei os passos de centenas de jovens e menos jovens, em aldeias, vilas e cidades. Na ilha do Pico, nos Açores, subimos até ao ponto mais alto da mais alta montanha de Portugal. A Peregrinação pelo Douro permitiu belíssimas imagens, tal como aconteceu em tantos, mas tantos outros locais. E se a Natureza é sempre bela e surpreendente, as pessoas ainda são mais. Os Símbolos visitaram hospitais, prisões, lares de idosos, escolas e foram escoltados pelos Bombeiros, pela Polícia, a GNR, pelas Forças Armadas. Motivaram Vigílias de Oração, Missas em catedrais e nas mais pequenas capelas. Aprendi mais uma vez que o país mediático não é o país real e é bem verdade. O interior do nosso país está vivo, há jovens por todo o lado e só precisamos de criar condições e dar espaço às suas vidas. O grande número de idosos é uma realidade indiscutível, mas são muitos, muitos mesmo, os que querem e podem participar, ter o seu lugar numa mesa onde todos podemos partilhar o Dom da Vida.

"Recordamos com emoção o desfilar de bandeiras no Parque Eduardo VII, o silêncio extraordinário na noite da Vigília no Parque Tejo."

Chegados à grande semana que aguardávamos com muita esperança e a natural preocupação, percebemos o que significa entregar a Deus o que é de Deus. E Ele retirou as pedras dos caminhos, superou as nossas falhas, deu espaço à alegria e à esperança. Pessoalmente, olhei emocionado para o mar de gente que encheu o Parque Eduardo VII, a que chamámos Colina do Encontro, e o Parque Tejo, denominado Campo da Graça. Ouvi com a maior atenção o coro e a orquestra que reuniram centenas de jovens vindos de todo o país, capazes de se tornaram um único corpo, no espaço de tempo limitado a um número reduzido de ensaios. Vi a beleza das coreografias nos dois grandes palcos destes espaços. Muito perto do Papa Francisco, percebi como estava feliz por estar connosco. Cansado, mas feliz. O sucessor de Pedro esteve connosco de corpo e alma. Não fugiu aos cumprimentos, a abençoar as crianças, a estar atento a tudo e a todos. Deixou-nos textos belíssimos que merecem leituras cuidadas e mudanças de pensamento e de orientações pastorais. Os jornalistas conseguiram levar a Jornada Mundial da Juventude ao mundo inteiro. Houve falhas e problemas? Claro que sim. Mas tudo foi superado pela graça de um encontro único na história de Portugal e dos portugueses. Feito por todos. Obrigado a todos. Sejamos agora dignos de corresponder a tanto que nos foi dado viver.

Cardeal D. Américo Aguiar

Bispo de Setúbal
Presidente da Fundação JMJLisboa2023

CHEGÁMOS SÓS, DESPEDIMO-NOS UNIDOS

Nas duas últimas jornadas o foco encontrava-se na preguiça e comodidade que se apoderou da minha geração, "há outra paralisia ainda mais perigosa e difícil, muitas vezes, de identificar e que nos custa muito reconhecer, (...) paralisia que brota quando se confunde a felicidade com um sofá." (*Discurso do Papa Francisco nas JMJ 2017*), "Que Jesus vos ajude a descobrir a beleza de estar vivos e acordados. Vivos e acordados. Não tenhais medo de dizer a Jesus que vós também quereis fazer parte da sua história de amor no mundo, que sois para um «mais»!" (*Discurso do Papa Francisco nas JMJ 2019*). Em Cracóvia e no Panamá foi-nos feito o convite de caminharmos com Deus, de nos mexermos, de querermos ser mais. O tema das JMJ em Lisboa não foi escolhido por acaso - "Maria levantou-se e partiu apressadamente". Nós, tal como Maria, aceitámos o convite de Deus e começámos o caminho do amor de Cristo. Já não se trata de uma necessidade de erguer. Em Lisboa, os jovens começaram a missão proposta pelo Papa Francisco nos últimos anos.

"Já não se trata de uma necessidade de erguer. Em Lisboa, os jovens começaram a missão proposta pelo Papa Francisco nos últimos anos."

Nestas jornadas o foco esteve em como devemos viver este caminho, estabelecendo, num primeiro momento, a pujança de quem não se deixa abalar, de quem cai e se levanta, e, num segundo momento, o amor de quem anda de braços abertos, de quem não julga e tem sempre presente que "somos chamados como somos" e que "há espaço para todos (...) ninguém é de sobra" (*Discurso do Papa Francisco nas JMJ 2023*). Assim, temos uma missão que não se faz sozinho: somos todos igualmente necessários aos olhos de Deus.

Ao longo destes sete dias, muitas conversas foram mantidas, muitas orações foram feitas e várias culturas se entrelaçaram. Na minha experiência pessoal, tive uma conversa marcante em que um peregrino espanhol me disse "vim a estas jornadas para conhecer o caminho que outros trilharam para chegar aqui". A realidade é que, ao longo das nossas vidas, construímos um caminho de fé, cada um com os seus desvios e percalços, cada um com as suas especificidades próprias. O que torna este evento verdadeiramente único é precisamente isso, é a experiência e testemunho que cada um traz e partilha, a união de culturas, ideias, tradições e vivências por uma única razão: Deus.

"A realidade é que, ao longo das nossas vidas, construímos um caminho de fé, cada um com os seus desvios e percalços, cada um com as suas especificidades próprias."

Assim, todos nós chegamos com um caminho único e personalizado, mas saímos destas jornadas com uma missão comum, desperta pela alegria que partilhámos, a coragem que demonstramos em nos levatarmos e partirmos rumo a este encontro e, acima de tudo, o amor de Deus por todos e cada um de nós. Chegámos sós, mas despe-dimo-nos como uma comunidade unida pela alegria de fazer parte, com uma única missão que é partilhar esta mesma "alegria missionária" com todos.

"Chegámos sós, mas despedimo-nos como uma comunidade unida pela alegria de fazer parte (...)."

Maria Soares Cardoso

Aluna de Licenciatura da Faculdade de Direito (Católica em Lisboa)

TESTEMUNHOS

Na JMJ 2023, a equipa do Diurna. reuniu testemunhos de jovens peregrinos de todo o mundo.

Je to tu neskutočné, nikdy som si nemyslela, že by som mohla pocítiť takú hlbokú prítomnosť Ježiša, som neskitočne vďačná.

Isto é irreal. Nunca pensei que poderia sentir uma presença tão profunda de Jesus aqui. Estou extramamente grata!

Timea Vargová, 19 anos, Eslováquia

إنها تجربة لا تصدق لأنك تتعرف على أشخاص من جميع أنحاء العالم وستحصل أيضًا على فرصة لرؤية البابا ، الذي يمثل أهمية كبيرة لنا جميعًا.

É uma experiência inacreditável porque temos a oportunidade de conhecer pessoas de todo o mundo e de ver o Papa, que é tão importante para todos nós!

Natalie Fawadleh, 25 anos, Palestina

Saya sangat bahagia bahagia untuk dapat datang World Youth Day 2023 di Lisbon!

Estou muito feliz por poder vir à Jornada Mundial da Juventude 2023 em Lisboa!

Raechal, 32 anos, Malásia

It's always a "Yes" for the Lord.

É sempre um "Sim" para o Senhor.

Joel Lobo, Emirados Árabes Unidos

Man tai buvo gražus laikas, skirtas atrasti spalvotą, įvairią bei jauną Bažnyčią.

Foi um belo momento para eu descobrir uma Igreja colorida, diversificada e jovem.

Rasa Maskeliūnaitė, 22 anos, Lituânia

たくさんの出会いや友達との交流を通して、神様と向き合い、神様との距離を縮める大切な機会になりました。

Foi uma oportunidade especial que me permitiu aproximar-me de Deus através de muitos encontros e amigos.

Tada Ayano, 21 anos, Japão

It's amazing and it's my first time... I really feel blessed because of this gathering of youth... mabuhay ang mga kabataan... God bless us all.

É incrível e é minha primeira vez. Sinto-me verdadeiramente abençoado por este encontro de jovens. Viva a juventude! Que Deus nos abençoe a todos.

Rev. Fr. Mark Anthonhy B. Benedicto, 33 anos, Filipinas

Hierbei hoffe ich eine erneute Nähe zu Gott zu spüren, indem ich mit anderen einen Glaubensaustausch habe und Gott in den Orten, Menschen wiederzuerkennen.

Aqui espero sentir uma proximidade renovada com Deus, trocar crenças com os outros e reconhecer Deus nos lugares e nas pessoas.

Chantal Lessmann, 21 anos, Alemanha

Si percepisce un'atmosfera magica che unisce tutti nonostante le barriere linguistiche e culturali.

Há uma atmosfera mágica que nos une a todos, para além de barreiras linguísticas e culturais.

Alice, Sofia e Giovanna, 17 anos, Itália

Są to moje 3. WYD ale każde są innym lecz unikalnym doświadczeniem. Bycie tutaj, w Portugalii z młodymi z całego świata jest dla mnie czymś wyjątkowym. Każdy z nas może być sobą, wspólnie możemy dzielić się naszą wiarą, doświadczeniami i poznawać nowe osoby, które czasami stają się przyjaciółmi na całe życie.

É a terceira vez que participo na JMJ, mas em cada uma delas vivo uma experiência diferente e única. Estar em Portugal com jovens de todo o mundo é algo especial. Cada um de nós pode ser ele próprio. Juntos podemos partilhar a nossa fé, as nossas experiências e conhecer novas pessoas que, por vezes, se tornam amigos para a vida.

Michał, 22 anos, Polónia

Svjetski dan mladih mi je pomogao dublje shvatiti da moje učenje, nastojanje i djela služe tome da bolje volim i služim drugima u njihovim stvarnim potrebama i okolnostima.

A Jornada Mundial da Juventude ajudou-me a compreender com profundidade como a minha aprendizagem, esforço e ações servem para melhor amar e servir os outros nas suas necessidades e circunstâncias reais.

Luka Prević, 23 anos, Croácia

Tant de drapeau, tant de monde et pourtant une raison commune.

Tantas bandeiras, tantas pessoas e, no entanto, um motivo comum.

Gab, 22 anos, França

Są to moje 3. WYD ale każde są innym lecz unikalnym doświadczeniem. Bycie tutaj, w Portugalii z młodymi z całego świata jest dla mnie czymś wyjątkowym. Każdy z nas może być sobą, wspólnie możemy dzielić się naszą wiarą, doświadczeniami i poznawać nowe osoby, które czasami stają się przyjaciółmi na całe życie.

É a terceira vez que participo na JMJ, mas em cada uma delas vivo experiência diferente e única. Estar em Portugal com jovens de todo o mundo é algo especial para mim. Cada um de nós pode ser ele próprio. Juntos podemos partilhar a nossa fé, as nossas experiências e conhecer novas pessoas que, por vezes, se tornam amigos para a vida.

Michał, 22 anos, Polónia

As a priest who came from Palestine were the church started the land of Jesus. So happy to have been united with all whom have reached to from the gospel.

Como sacerdote que veio da Palestina, onde a Igreja começou, a terra de Jesus, estou muito feliz por me ter unido a todos aqueles a quem o Evangelho chegou.

Padre Louis, Palestina

Numa altura em que se vaticina uma crise de fé global, estas jornadas são testemunho do fôlego dos jovens de todo o mundo e da vivacidade com que querem seguir Jesus. E que alegria que é vivê-las!

Diogo Alves de Sousa, 22 anos, Portugal

Cheguei na Jornada como convidada. Não sou cristã, sou de uma delegação diferente, a primeira não-cristã afrodescendente do Brasil. Estou impressionada com o evento e recetividade. Estou feliz!

Marilia Mortican, Brasil

¡No hay palabras, una experiencia única!

Indescritível, uma experiência única.

Alvaro, 17 anos, Espanha

For me, WYD meant not only a great opportunity to witness the beautiful universality of what it means to be Catholic, but it also gave me immense joy to see how the future of the Church is alive and thriving!

Para mim, a JMJ significou não só uma grande oportunidade para testemunhar a bela universalidade do que significa ser católico, mas também me deu uma imensa alegria ao ver como o futuro da Igreja está vivo e a prosperar!

Valentina Fajardo, 24 anos, Canadá

Desejo a todos os jovens muitas bênçãos e sucesso. "Não basta fazer coisas boas, é preciso fazê-las bem".

Vilma Tchissola, Angola

D.

25 ANOS DEPOIS: PORTUGAL FAZ BEM

Portugal vai organizar, em conjunto com outros países, o Mundial de Futebol de 2030. Se atentarmos bem, o anúncio há dias deste grande evento teve um impacto moderado. A razão é simples: o país já se habituou a iniciativas de grande fôlego internacional, desde a recente Jornada Mundial da Juventude ao Euro 2004, concretizadas com amplo êxito. Portugal faz e faz bem.

Há três décadas não era, todavia, assim. Quando em 1989, Lisboa se candidatou a organizar a Expo '98 pouca gente acreditava que seria possível bater Toronto. E ainda menos estávamos certos que, caso ganhássemos, nos sairíamos bem.

Mas saímos. Várias razões contribuíram para isso.

"(...) ainda menos estávamos certos que (...) nos sairíamos bem. Mas saímos."

Em primeiro lugar o conceito e o propósito da última exposição mundial do século. Ao celebrar os 500 anos da chegada de Vasco da Gama à Índia – momento alto da gesta dos Descobrimentos – Portugal escolheu um tema que pudesse atrair todo o Mundo. Os Oceanos – um Património para o Futuro foi o mote de uma exposição que assim logrou obter uma participação recorde de 160 países e organizações internacionais.

Ao definir como local da Expo'98 um território junto ao Tejo que era uma verdadeira lixeira da capital, o país mostrou a todos que não pretendia apenas fazer uma gigantesca festa de quatro meses e meio mas regenerar ambientalmente e renovar do ponto de vista urbanístico uma área de 330 hectares com enorme potencial mas que se encontrava muito degradada.

Foi assim elaborado um plano urbano associado ao evento que beneficiou dos ensinamentos da Expo de Sevilha e das Olimpíadas de Barcelona e que soube combinar no novo espaço a construir em 15 anos várias funções: habitação, escritórios, comércio, equipamentos e amplas zonas verdes. Ao mesmo tempo conseguir planear tudo para que os principais edifícios pudessem uma utilização futura como é o caso do Oceanário, do Pavilhão da Utopia (hoje Altice Arena) ou a Área Internacional Norte (a actual FIL).

D.

O resultado foi excecional. O Parque das Nações está hoje completo e é uma freguesia vibrante da cidade onde os seus habitantes gostam de residir e onde empresas e trabalhadores gostam de desenvolver a sua atividade. Bons acessos, ligação ao Metro e aos comboios (na icónica Estação do Oriente) tornaram possível o que para alguns era milagre.

Para chegar aqui houve duas figuras incontornáveis. António Mega Ferreira que, com todo o brilhantismo e criatividade, dirigiu diplomaticamente a candidatura vitoriosa e depois foi o principal responsável pela definição da excecional qualidade de projetos, conteúdos e programação cultural de mais de nove mil espetáculos. E também António Cardoso e Cunha que, com enorme energia e determinação, liderou a execução deste grande empreendimento.

Os outros segredos do êxito foram a competência técnica dos envolvidos e o sentido de Estado das principais forças políticas face a um desígnio maior. Um Governo PSD, e duas Câmaras Municipais (uma de maioria PS, outra de maioria PCP) conseguiram convergir e pôr de lado divergências ideológicas para concretizar o programa definido. E ainda a resiliência de toda a equipa responsável que suportou a descrença dos velhos do Restelo para os quais nada estaria pronto a tempo e horas ou com a qualidade necessária.

Portugal sabe fazer bem. Muito bem. A Expo '98 devolveu-nos orgulho e uma nova cidadania, tornou-se "case study" estudado por muitos.

"Portugal sabe fazer bem. Muito bem. A Expo '98 devolveu-nos orgulho e uma nova cidadania, tornou-se "case study" estudado por muitos."

A verdade é que Lisboa não mais foi a mesma. A partir de 1998, tornou-se num destino turístico incontornável quando até aí os estrangeiros procuravam apenas o Algarve ou a Madeira. E assistiu-se a uma vaga de regeneração urbana que permitiu recuperar centenas e centenas de edifícios em toda a zona histórica da cidade, gerando uma nova realidade.

"A verdade é que Lisboa não mais foi a mesma."

No fundo, precisamos apenas de saber o que queremos. De ser determinados. E de acreditarmos que somos tão bons como os outros.

João Paulo Velez

Ex-Porta-Voz da Expo'98
Ex-Diretor de Comunicação da Parque Expo

D.

ISRAEL x PALESTINA

POR VASCO RATO

D.

O fim da Primeira Guerra Mundial introduziu o nacionalismo moderno, assente no "direto à autodeterminação" promovido por Woodrow Wilson durante a Conferência de Paris de 1919, no Médio Oriente. Com o desmoronamento do Império Otomano, o movimento nacionalista hebraico – o sionismo – agita-se em defesa da criação de um estado, pressionando directamente a Grã-Bretanha, a potência encarregada de administrar o Mandato da Sociedade das Nações na Palestina. Através da Declaração Balfour de 1917, Londres promete estabelecer uma "pátria" judaica na Terra Santa. Ao mesmo tempo, garante ao rei Hussein bin Ali um novo reino árabe caso os hashemitas participem na luta contra o Império Otomano.

Terminada a Grande Guerra, as promessas contraditórias obrigam o Reino Unido a devolver o problema às Nações Unidas, que, em 1947, acaba por apresentar um mapa de "partição" do território englobado pelo Mandato, antecipando a criação de um estado árabe e de um estado palestiniano. Porém, no mesmo dia em que Israel declara a sua independência, a 14 de Maio de 1948, cinco exércitos árabes invadem o novo estado com o objetivo de o liquidar à nascença. A guerra de 1948 foi decisiva para a formação da cultura estratégica israelita, mas também gerou milhares de refugiados palestinianos – a chamada Nakba (catástrofe) – que, ainda hoje, insistem no "direito de retorno".

"(...) no mesmo dia em que Israel declara a sua independência, a 14 de Maio de 1948, cinco exércitos árabes invadem o novo estado com o objetivo de o liquidar à nascença."

Ao longo dos seus 75 anos, o estado hebraico tem sido alvo de numerosos ataques de surpresa, incluindo a guerra do Yom Kippur de 1973. A prática palestiniana de tomar reféns também não é inédita. Nos anos mais recentes, sucessivos governos israelitas limitaram-se a retaliar cada vez que o Hamas, uma organização islamista criada em 1987, lançava os seus rockets contra o país. Rejeitando a estratégia gradualista prosseguida pela Fatah – fundado por Yasser Arafat e atualmente chefiado por Mahmoud Abbas, que governa a Cisjordânia a partir de Ramallah – o Hamas pretende liquidar o estado hebraico.

"Ao longo dos seus 75 anos, o estado hebraico tem sido alvo de numerosos ataques de surpresa (...)."

No seguimento da celebração dos acordos de Abraão, que formalizaram a paz de Israel com vários países árabes, vislumbrava-se um acordo com a Arábia Saudita que, para além de normalizar os laços israelo-sauditas, isolava o Irão, inimigo de ambos. Porque a reconciliação enfraquecia os movimentos radicais palestinianos, sobretudo o Hamas, a normalização das relações entre Israel e os estados árabes acabaria por forçar os palestinianos a aceitarem uma paz imposta de fora para dentro.

D.

Não surpreende que, neste quadro geoestratégico, os ayatollahs iranianos – determinados a obstruir o acordo com os sauditas e, a prazo, a destruir o estado hebraico – tenham colaborado no planeamento dos ataques perpetuados pelo Hamas. Teerão também deu luz verde ao Hezbollah para abrir uma segunda frente contra Israel a partir das suas bases no sul do Líbano. Por isso mesmo, Telavive poderá concluir que é necessário recorrer a medidas mais robustas para colocar um fim definitivo na ameaça iraniana. Porém, o alargamento da guerra ao Irão acarreta o perigo de uma escalada regional suscetível de mergulhar todo o Médio Oriente numa conflagração devastadora.

Na sequência do massacre de 7 de Outubro, espera-se uma retaliação massiva destinada a desmantelar o poderio político-militar do Hamas. Tendo em conta que o Hamas usa a população do território como escudo humano, a expectável devastação de Gaza será acompanhada por elevadas baixas civis. A onda de solidariedade com Israel, a que se assistiu nos últimos dias, dificilmente resistirá à operação militar que se adivinha.

"(...) espera-se uma retaliação massiva destinada a desmantelar o poderio político-militar do Hamas."

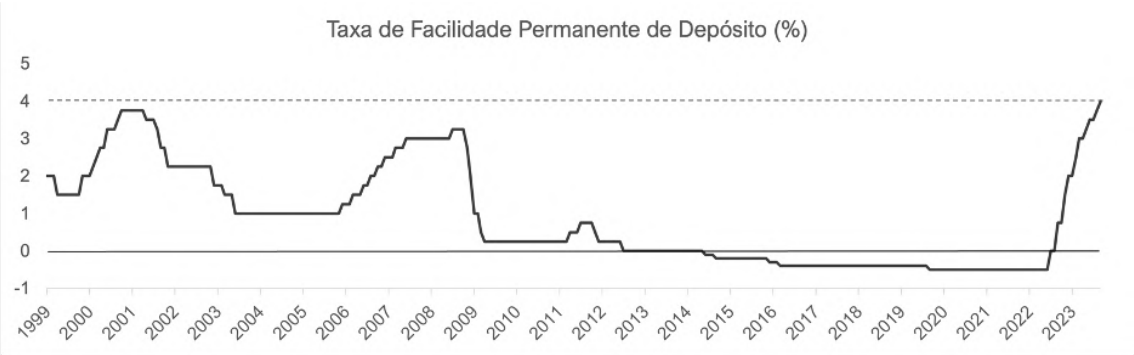
Vasco Rato

Comentador político, doutorado em Ciência Política

D.

POR MARES NUNCA DANTES NAVEGADOS

A 14 de Setembro o Banco Central Europeu (BCE) aumentou a taxa de facilidade permanente de depósito — a taxa a que os bancos depositam junto do BCE — para 4%, o valor mais alto desde a introdução da moeda única. Esta foi a décima subida efetuada, num espaço de 14 meses, numa tentativa de reduzir a taxa de inflação — a taxa a que o nível geral de preços dos bens e serviços varia ao longo do tempo.



É importante relembrar que a função do BCE consiste em manter a estabilidade de preços, assegurando que a taxa de inflação permaneça baixa, estável e previsível. No entanto, em Outubro de 2022, a taxa de inflação anual atingiu um valor histórico de 10.6%, muito acima do objetivo de 2%.

"(...) a função do BCE consiste em manter a estabilidade de preços, assegurando que a taxa de inflação permaneça baixa, estável e previsível."

D.

Christine Lagarde, presidente do BCE, refere que os números históricos para a taxa de inflação têm razão de ser. Afinal de contas, o mundo encontra-se em estado de "permacrise", uma constante sucessão de crises sem precedente. À pandemia seguiu-se a invasão da Ucrânia pela Rússia e um ambiente de crescente fragmentação geopolítica.

O aumento da taxa de inflação na Europa deve-se em grande parte ao aumento dos preços da energia, na sequência da invasão da Ucrânia. O aumento dos preços da energia leva, de forma mecânica, a um aumento da inflação. Posteriormente, a produção e transporte de bens e a oferta de serviços utiliza eletricidade e combustíveis. Um aumento dos custos de produção e de transporte leva a um aumento de preços: um segundo aumento da taxa de inflação.

"O aumento dos preços da energia leva (...) a um aumento da inflação."

Podemos adicionar os níveis históricos da taxa de inflação à lista de crises consecutivas. O aumento generalizado do preço de bens e serviços expõe a população com rendimentos mais baixos a maiores dificuldades, e cria dificuldades a uma fatia da população que antes não as sentia. Para combater a subida de preços e cumprir o seu mandato, o BCE, recorre a política monetária, e em particular, à subida das taxas de juro de referência. Chegamos ao ponto fulcral deste artigo, não só a inflação esteve em níveis históricos como também a taxa de referência nos leva por mares nunca dantes navegados.

Como é que um aumento da taxa de juro ajuda no combate à inflação? A taxa de juro traduz o custo de gastar hoje em vez de poupar para gastar amanhã. Se a Sofia depositar €1000 num depósito a prazo, ao fim de um ano pode receber juros. Vamos assumir uma taxa de juro de 2%. Ao fim de um ano a Sofia ficaria com €1020. Se gastar hoje os €1000 em compras, o custo de oportunidade são os 2% (os €20) que podia ter ganho ao poupar durante um ano (para além dos €1000 gastos em compras). À medida que a taxa de juro aumenta, mais caro é pedir um empréstimo, mais caro é consumir hoje e mais apetecível é poupar. Todos estes incentivos vão no mesmo sentido, menos consumo, menos investimento e mais poupança (para quem consegue). A esperança é a de que à diminuição da procura se siga uma diminuição do nível de preços.

Agora as boas notícias. A taxa de inflação desceu de 10.6% em Outubro do ano passado para 4.3% em Setembro. Isto é o que chamamos o efeito da segunda derivada. Na verdade, os preços continuam a subir, 4.3% face a Setembro de 2022, no entanto, estão a subir a uma taxa mais baixa, progresso!

"Na verdade, os preços continuam a subir, 4.3% face a Setembro de 2022, no entanto, estão a subir a uma taxa mais baixa, progresso!"

D.

A subida das taxas de juro traz outros problemas. Grande parte da população compra casa com recurso a crédito. E dessa parte, outra contratou um crédito com taxas de juro baixas, mas variáveis — associadas à taxa de referência e reavaliadas de tempos a tempos. O resultado? Prestações do crédito à habitação com aumentos significativos e inesperados. Mais um episódio na lista de crises sucessivas. À margem deste problema, parte do objetivo da subida da taxa de juro é reduzir a procura. O resultado? Revisões em baixa do crescimento da economia. A estas dificuldades acresce o facto de a política monetária ser a mesma para um conjunto diverso de países com realidades económicas distintas.

A política monetária parece estar a funcionar, com a taxa de inflação a diminuir. O BCE sinalizou que o décimo aumento da taxa de juro pode ser o último, pelo menos por enquanto. Isto não quer dizer, no entanto, que as taxas de juro comecem a descer já de seguida. Christine Lagarde refere que as taxas manter-se-ão elevadas "durante o tempo que for necessário".

"O BCE sinalizou que o décimo aumento da taxa de juro pode ser o último, pelo menos por enquanto. Isto não quer dizer, no entanto, que as taxas de juro comecem a descer já de seguida."

Continuemos a navegar, à vista.

Ricardo Alves Monteiro

Alumnus da Católica Lisbon School of Business and Economics
(Católica em Lisboa)

D.

POR PEDRO CASSIANO SANTOS

IMPACTOS NA ECONOMIA EM GERAL, PARA O INVESTIMENTO E A ATIVIDADE EMPRESARIAL DE PERÍODOS COM TAXAS DE JURO MAIS ALTAS,

ALGUMAS REFLEXÕES PARA JURISTAS FINANCEIROS

D.

Comecei a minha carreira como advogado (estagiário!) em junho de 1989, tendo desde então trabalhado essencialmente em temas de direito bancário e financeiro.

Habituei-me por isso a lidar com taxas de juro (tínhamos então inflação alta e taxas de juro sempre acima dos dois dígitos), tendo também aprendido a lidar desde cedo com variações cambiais, à época tão frequentes e tão relevantes para quem então trabalhava em Escudo$ (substituídos no início deste século por €uros, num contexto muito menos volátil, tanto em termos de taxa de juro como em termos cambiais).

Não estranho, portanto períodos com taxas de juro mais altas e, ao nível legal e contratual, temos certamente em Portugal instrumentos adequados para lidar com as exigências e os desafios que essa situação impõe.

"Não estranho, portanto períodos com taxas de juro mais altas e, ao nível legal e contratual, temos certamente em Portugal instrumentos adequados para lidar com as exigências e os desafios que essa situação impõe."

Temos necessariamente que começar por saber identificar e autonomizar os créditos de juros, acessórios dos créditos relativos ao capital na generalidade das operações financeiras, e temos que saber dar-lhes a importância e o tratamento adequados, ponderando os juros como a remuneração adequada para o decurso do tempo e para o nível de risco a que a parte credora (mutuante ou depositário, para falar apenas nas figuras mais simples) aceita expor-se.

Temos também que saber dar o adequado tratamento jurídico-fiscal aos créditos de juros e à remuneração a que os mesmos correspondem, sabendo lidar com cada situação ao nível das obrigações declarativas e de englobamento nos rendimentos sujeitos a tributação, muitas vezes sujeitas a regimes de retenção na fonte. Em Portugal, temos ainda que saber lidar com os regimes de incidência de imposto do selo, seja ao nível do crédito e constituição de garantias, seja a nível da sua incidência sobre juros e comissões bancárias.

Não pretendo afirmar que todas estas são questões fáceis ou simples, mas temos caminhos jurídicos sólidos que podemos trilhar na prática de mercado em relação a estes temas, incluindo quando nos deparamos com períodos com taxas de juro mais altas.

"Não pretendo afirmar que todas estas são questões fáceis ou simples, mas temos caminhos jurídicos sólidos que podemos trilhar na prática de mercado em relação a estes temas (...)."

D.

Também temos instrumentos jurídicos testados que nos permitem gerir a variação e volatilidade nas taxas de juro, havendo soluções para contratar a cobertura dos riscos inerentes à respetiva evolução, sendo hoje frequente na prática bancária a fixação das taxas de juro ou a sua indexação a determinados referenciais de mercado. Tratam-se usualmente de instrumentos com algum grau de sofisticação, porventura mais destinados às finanças de sociedades comerciais e operadores profissionais, mas também uteis e disponíveis para pessoas físicas, cujas condições de contratação, âmbitos de cobertura e esquemas de funcionamento importa naturalmente conhecer e saber utilizar.

"(...) havendo soluções para contratar a cobertura dos riscos inerentes à respetiva evolução, sendo hoje frequente na prática bancária a fixação das taxas de juro ou a sua indexação a determinados referenciais de mercado."

Nesta linha e numa perspetiva jurídica, os impactos na economia em geral, para o investimento e para a atividade empresarial que períodos com taxas de juro mais altas podem trazer, não são temas inéditos, com os quais já lidámos e para os quais dispomos de instrumentos aptos a lidar com a situação.

Mas também todos nos recordamos de que num passado mais recente (2011), particularmente quando os juros da dívida pública portuguesa atingiram um patamar insustentável de 7%, a situação provocou a necessidade de um resgate efetuado ao nosso país pela chamada Troika (Comissão Europeia, Banco Central Europeu e Banco Mundial), que impôs severas medidas restritivas para a economia portuguesa e obrigou a significativos aumentos de impostos, recapitalização dos bancos com recurso a fundos públicos e resoluções bancárias. Assim e mesmo que ao nível legal e contratual taxas de juro mais altas sejam situações com sabemos lidar (objeto de consagração e tratamento por figuras juridicamente adequadas), também sabemos que a própria sustentabilidade do país, do seu sistema financeiro e do mercado depende precisamente da manutenção sob controlo das variações das taxas de juro.

"Mas também todos nos recordamos de que num passado mais recente (2011) (...) a situação provocou a necessidade de um resgate efetuado ao nosso país pela chamada Troika."

Sabemos assim que haverá um limite, que certamente não será fixo ou aplicável a todos e em todas as situações, para a sustentabilidade das variações de taxas de juro e também sabemos que acima desse limite a adoção de medidas mais gravosas se pode tornar imperiosa.

"Sabemos assim que haverá um limite, que certamente não será fixo ou aplicável a todos e em todas as situações, para a sustentabilidade das variações de taxas de juro (...)."

D.

Também sabemos que lidar com períodos de taxas de juro muito baixas e até negativas é bastante difícil, tendo aliás essa situação imposto em períodos mais recentes a necessidade de introdução de medidas legislativas e contratuais destinadas a permitir a manutenção da normalidade contratual para que o comércio jurídico pudesse continuar a fluir. Com taxas de juro muito baixas e até negativas é difícil captar investimento, já que os investidores se retraem e preferem não investir para não correrem riscos para os quais não obtêm remuneração adequada.

"Com taxas de juro muito baixas e até negativas é difícil captar investimento, já que os investidores se retraem e preferem não investir para não correrem riscos para os quais não obtêm remuneração adequada."

Em matéria de taxas de juro, digamos assim que nem tanto ao mar nem tanto à terra, ou seja que taxas controladas, com apenas um dígito, de preferência com um indexante não superior a 5% serão à partida saudáveis, permitindo adequada remuneração que viabilize a procura de capitais para investir, aceitando-se que a esse referencial acresça depois o prémio correspondente ao nível de risco próprio de cada projeto ou investimento realizado. Num mercado pequeno, muito exposto às economias internacionais, com pouco capital, a captação de investimentos é sempre mais difícil, pelo que a subida das taxas de juro (até certo patamar dentro da sustentabilidade do mercado e dos operadores económicos, incluindo o próprio soberano) corresponde até a um incentivo para a poupança, para que investimentos possam ser angariados e a economia progrida. O tema de sempre será precisamente o de assegurar que esses movimentos de subida das taxas de juro permanecem controlados e não ascendem a níveis excessivamente elevados que acabam por se revelar nefastos e nós em Portugal já temos bastante experiência disso mesmo.

Pedro Cassiano Santos

Sócio Responsável pela Área de Bancário & Financeiro da VdA

D.

SOCIEDADES COMERCIAIS BRITÂNICAS COM ATIVIDADE EM PORTUGAL

POR PEDRO LEITÃO PAIS DE VASCONCELOS

Em 31/01/2020 foi celebrado o Acordo Brexit, sendo aplicável um período de transição que terminou em 31/12/2020. Em 30/12/2020 foi celebrado o Acordo de Comércio e Cooperação para vigorar a partir de 1/01/2021. Até à celebração deste Acordo, pairava a dúvida sobre qual o regime aplicável às cerca de 2,5 milhões de sociedades comerciais britânicas, em especial se estas poderiam manter nacionalidade (cidadania) da UE com base num qualquer critério que viesse a ser aplicado. Uma espécie de dupla nacionalidade corpo-rativa.

"Até à celebração deste Acordo, pairava a dúvida sobre qual o regime aplicável às cerca de 2,5 milhões de sociedades comerciais britânicas, em especial se estas poderiam manter nacionalidade (cidadania) da UE com base num qualquer critério que viesse a ser aplicado."

Em 8 de março de 2021, a Comissão Europeia publicou a sua posição relativamente aos efeitos do Brexit sobre o Direito das Sociedades da União Europeia (UE) num Aviso aos Interessados – Saída do Reino Unido e Regas da UE sobre Direito das Sociedade (*Notice to Stakeholders - Withdrawal of the United Kingdom and EU Rules on Company Law*). Resulta desta publicação que, entre outras posições, a Comissão Europeia considera que:

- As sociedades incorporadas de acordo com a Lei do Reino Unido deixaram de beneficiar do art. 54º do TFUE, mesmo que tenham a administração principal ou o estabelecimento principal num Estado Membro, e os Estados Membros deixaram de estar obrigados a reconhecer personalidade jurídica e limitação de responsabilidade a estas sociedades.

D.

- As sucursais de sociedades incorporadas no Reino Unido que estejam localizadas num Estado Membro são consideradas como sucursais de uma sociedade de um Estado terceiro, sujeitas ao respetivo regime jurídico.

- O Sistema de Interconexão de Registos Comerciais (BRIS) deixou de integrar as sociedades incorporadas no Reino Unido, pelo que deixou de ser possível consultar no Portal Europeu de Justiça a situação registral de sociedades do Reino Unido.

O critério da nacionalidade (cidadania) das sociedades comerciais na UE que decorre do art. 54º do TFUE é amplo, sendo sociedades da UE as sociedades incorporadas em conformidade com a Lei de um Estado-Membro e – cumulativamente – que tenham a sua sede social, administração central ou estabelecimento principal na UE. Com o Brexit, as sociedades incorporadas de acordo com a Lei britânica deixaram de ser abrangidas pelo art. 54º do TFUE, pelo que deixou de ser relevante se o lugar da sede social, da administração central ou do estabelecimento principal se situa num Estado Membro.

O Brexit causou a impossibilidade de uma sociedade incorporada de acordo com a Lei do Reino Unido ser nacional da UE de acordo com o TFUE, porquanto nunca consegue preencher o primeiro critério exigido pelo art. 54º: o Estado de incorporação ser membro da UE.

"O Brexit causou a impossibilidade de uma sociedade incorporada de acordo com a Lei do Reino Unido ser nacional da UE de acordo com o TFUE (...)."

Por outro lado, permitiu esclarecer a seguinte estrutura de reconhecimento de nacionalidade da UE no que respeita a sociedades comerciais:

Incorporação	Sede Social, ou Administração Principal, ou Estabelecimento Principal	Nacionalidade
UE	UE	Nacional da UE
UE	Estado terceiro	Não nacional da UE
Estado terceiro	UE	Não nacional da EU
Estado terceiro	Estado terceiro	Não nacional da UE

No dia 1/01/2021 foi removida a nacionalidade (cidadania) da UE a todas as 2,5 milhões de sociedades incorporadas ao abrigo da Lei do Reino Unido, tendo sido removidas do sistema de registo comercial da UE (BRIS), e deixando de beneficiar das liberdades fundamentais da UE.

D.

A atividade em Portugal das sociedades comerciais britânicas é regulada exclusivamente pelo Direito nacional segundo o qual - art. 4º do Código das Sociedades Comerciais -, estas sociedades apenas podem exercer atividade por mais de um ano em Portugal, se inscreverem uma representação permanente no registo comercial português e respeitarem as regras de registo comercial, o que implica o registo das contas da representação permanente e – potencialmente - a sujeição a IRC em Portugal. Em caso de violação deste regime, qualquer interessado pode pedir em Tribunal:

- a proibição de atividade da sociedade comercial britânica em Portugal;
- a liquidação de todo o património da sociedade comercial britânica em Portugal;
- a responsabilização solidária dos gerentes ou administradores da sociedade comercial britânica.
- a responsabilização solidária de outros representantes da sociedade comercial britânica pelo atos por si praticados.

"(...) estas sociedades apenas podem exercer atividade por mais de um ano em Portugal, se inscreverem uma representação permanente no registo comercial português e respeitarem as regras de registo comercial (...). "

Pedro Leitão Pais de Vasconcelos

Professor Auxiliar Convidado da Faculdade de Direito
(Católica em Lisboa)

D.

MARIA DE FÁTIMA RIBEIRO

A NOVA LEI DAS SOCIEDADES DESPORTIVAS

LEI N.º 39/2023, DE 4 DE AGOSTO

D.

A Lei n.º 39/2023, de 4 de Agosto (Lei das Sociedades Desportivas – LSD), veio estabelecer o novo regime jurídico das sociedades desportivas. Uma vez que se trata de uma novidade legislativa há muito aguardada, numa matéria objecto de grande curiosidade e interesse, deixo aqui a descrição muito sumária dos traços essenciais do seu regime – em parte novo, em parte continuador do regime anteriormente vigente.

"(...) [trata-se] de uma novidade legislativa há muito aguardada, numa matéria objecto de grande curiosidade e interesse."

Em Portugal, para a participação em competições profissionais, é obrigatória a constituição de sociedade desportiva. Por outras palavras, um clube (normalmente organizado sob a forma de associação, sem fim lucrativo) que participe em competições desportivas e ascenda às competições profissionais (que, actualmente, apenas existem no futebol) deve constituir uma sociedade desportiva para nelas poder participar. Contudo, qualquer clube, mesmo que não participe em competições profissionais, pode constituir uma sociedade desportiva, em qualquer modalidade. Mais: um clube desportivo pode constituir diferentes sociedades desportivas, uma para cada diferente modalidade que explore; ou constituir uma única sociedade desportiva tendo por objecto várias modalidades (ficando assim impedido de constituir outras sociedades desportivas).

"(...) um clube (...) que participe em competições desportivas e ascenda às competições profissionais (que, actualmente, apenas existem no futebol) deve constituir uma sociedade desportiva para nelas poder participar."

Uma sociedade desportiva pode ser constituída de raiz (ou seja, com ou sem a participação de um clube fundador), por transformação (caso em que o clube/associação se transforma em sociedade desportiva, passando a ser essa sociedade) ou por personalização jurídica da equipa desportiva (destacando do seu património activos e passivos que transfere para a sociedade desportiva, de entre os quais, obrigatoriamente, os direitos de participação no quadro competitivo da modalidade ou modalidades em causa, bem como os contratos de trabalho desportivos e de formação desportiva relativos a praticantes da(s) mesma(s)).

Até agora, poderiam ser constituídas sociedades desportivas sob a forma de SAD (sociedade anónima desportiva) ou de SDUQ (sociedade desportiva unipessoal por quotas). Como a SAD é uma sociedade anónima, deve ter no mínimo cinco sócios, um dos quais é normalmente o clube fundador. Sendo a SDUQ uma sociedade unipessoal, impunha e ainda impõe a LSD que o clube fundador seja o seu único sócio. Em consequência, a opção pela constituição de uma SDUQ só deverá ser tomada nas situações em que o clube desportivo não vê a necessidade de existência,

na sociedade desportiva, de outros investidores, estando, portanto, em condições de assegurar integralmente o financiamento necessário à prossecução do objecto da sociedade – o que, na prática, não é comum. Ao invés, na SAD é possível a integração de outros investidores no leque dos sócios, o que é vantajoso (e, por vezes, essencial à sobrevivência do projecto desportivo iniciado pelo clube), mas com a desvantagem de, assim sendo, estes investidores terem normalmente uma participação na sociedade desportiva que lhes permite influenciar a orientação do projecto desportivo e estabelecer uma estratégia que não seria a desejada pelo clube. Com a nova LSD torna-se, agora, também possível a constituição de SDQ, ou seja, sociedades desportivas por quotas com mais do que um sócio; e, aparentemente (pois o texto da lei não é nada claro neste ponto), de SADU, ou seja, sociedades anónimas desportivas com um só sócio.

Devido aos referidos conflitos que potencia a existência, nas sociedades desportivas pluripessoais, de sócios investidores, a LSD estabelece um regime de protecção do clube fundador (que pode ser um sócio minoritário, exigindo a lei que detenha apenas, no mínimo, 5% do capital social), que lhe permite, por exemplo, vetar as deliberações sociais pelas quais se pretenda a mudança de emblema ou equipamento. Contudo, tal protecção tem-se revelado insuficiente para responder às necessidades de protecção do clube – que, também aparentemente (dada a inconstitucionalidade de tal norma), se vê agora impedido de alienar as suas acções que, na sociedade desportiva, correspondam a pelo menos 5% do capital social, mesmo em caso de conflito insanável com o investidor que assuma a posição de sócio controlador, o que levaria à perpetuação da situação.

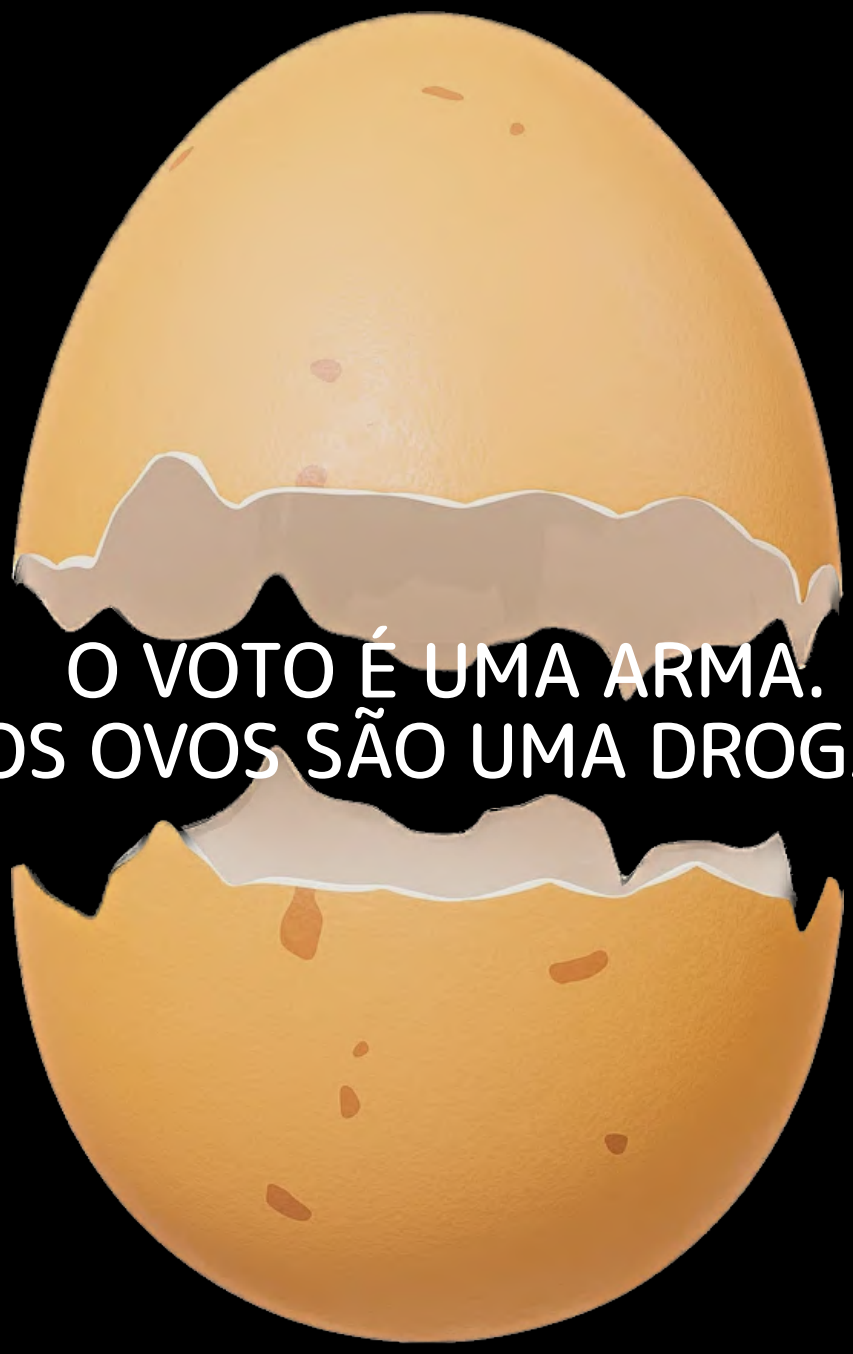
"(...) a LSD estabelece um regime de protecção do clube fundador (...), que lhe permite, por exemplo, vetar as deliberações sociais pelas quais se pretenda a mudança de emblema ou equipamento."

Esta nova Lei das Sociedades Desportivas apresenta algumas novidades na matéria, de que são exemplo as indicadas neste texto, e, sobretudo, vem colocar ao intérprete novos e velhos desafios (pois também a LSD de 2013, que esta lei veio revogar, já apresentava algumas lacunas e dificuldades interpretativas).

Maria de Fátima Ribeiro

Professora Associada da Faculdade de Direito (Católica no Porto)

D.



O VOTO É UMA ARMA.
OS OVOS SÃO UMA DROGA.

POR TIAGO DUARTE

D.

Dizem que se ensina nas faculdades de comunicação social que uma imagem vale mais do que mil palavras. Nas faculdades de direito – sei-o bem – ensina-se, desde o primeiro ano, que um Estado de Direito é um Estado onde são as regras (o Direito) e não as vontades individuais de cada um que regulam o modo como organizamos a nossa vida em comunidade.

E é por serem essas regras tão importantes, que não basta sermos um Estado de Direito, é também preciso sermos um Estado Democrático. Só assim se fecha o círculo, ao sabermos que vivemos de acordo com regras e que quem dita essas regras está legitimado democraticamente pelo nosso voto.

"(...) é por serem essas regras tão importantes, que não basta sermos um Estado de Direito, é também preciso sermos um Estado Democrático."

Vem isto a propósito das imagens recentes de duas jovens a lançar, com violência, ovos cheios de tinta à cara de um senhor que, pacificamente, estava sentado numa mesa a falar. Perante essas imagens, seguramente que qualquer um de nós diria estarmos perante um caso de violência física inaceitável e intolerável, em que, de um lado, tínhamos uma pessoa sentada a falar pacificamente e, do outro lado, duas pessoas de pé a atirar ovos violentamente.

Esta cena dos ovos, que vi pela primeira vez na televisão quando esta estava *em mute*, fez-me lembrar uma vez em que passei por um bairro muito degradado nos arredores de Maputo, onde estava escrito numa das paredes do muro que circundava esse bairro: *aqui é proibido matar*. Assim, a seco. Sem mais palavras.

"Esta cena dos ovos (...) fez-me lembrar uma vez em que passei por um bairro (...) onde estava escrito numa das paredes do muro que circundava esse bairro: aqui é proibido matar. Assim, a seco. Sem mais palavras."

É certo que num desaguisado pode sempre haver argumentos de cada uma das partes e, por isso, a pergunta que se coloca é se, perante a imagem de duas jovens a atirarem, com violência, ovos com tinta contra um senhor sentado numa mesa, devemos ou não colocar som na televisão, para ouvir o que se passou, em vez de apenas vermos a cena em silêncio?

Uma imagem vale mais do que mil palavras e durante toda a cena em que duas jovens arremessam violentamente ovos com tinta contra um senhor pacificamente sentado a uma mesa, não foram provavelmente trocadas mais de mil palavras. Podem essas palavras ter mais valor do que a imagem? Não podem.

D.

"Uma imagem vale mais do que mil palavras e durante toda a cena (...) não foram provavelmente trocadas mais de mil palavras."

O que é que essas palavras nos podem contar? Que o senhor é o ministro do ambiente, que se estava no âmbito de uma conferência sobre o ambiente, que a conferência era patrocinada por duas empresas portuguesas que actuam no domínio da energia, que as jovens entendem que o governo tem feito pouco em matéria ambiental e que as empresas menos ainda têm feito. É isto.

O problema é que com as palavras vem o relativismo. A imagem que, no início, era cristalina e valia mais do que mil palavras, começa a embaciar-se e a valer cada vez menos, se apreciamos as palavras, ou iluminar-se e a valer cada vez mais, se as palavras nos incomodam. Com as palavras vem a argumentação falaciosa e manipuladora de que quando se tem razão, os actos deixam de ser violentos e condenáveis, mas quando não se tem razão esses mesmos actos passam a ser violentos e condenáveis. Mas quem é que decide quem é que tem razão, afinal?

"O problema é que com as palavras vem o relativismo. A imagem que, no início, era cristalina e valia mais do que mil palavras, começa a embaciar-se (...)."

É aqui que entra a Democracia.

Cada um tem direito à sua opinião, e tem direito a expressá-la de modo pacífico e sem violência. Goste-se ou não do que se ouve. São essas as regras que democraticamente incorporámos na Constituição e na lei. Mas as palavras são as palavras e os ovos são os ovos. O voto é uma arma, mas não mata. Os ovos não são uma arma, mas matam de ridículo quem os arremessa.

"Cada um tem direito à sua opinião, e tem direito a expressá-la de modo pacífico e sem violência. Goste-se ou não do que se ouve."

A força física implica a lei do mais forte, que é o contrário da lei do mais legitimado democraticamente. É que, se como se ensina às crianças, um quilo de algodão pesa o mesmo que um quilo de chumbo, meia dúzia de ovos pesam muitíssimo menos do que os milhares de votos que o ministro podia, sem violência, arremessar em direcção às jovens.

"(...) um quilo de algodão pesa o mesmo que um quilo de chumbo, meia dúzia de ovos pesam muitíssimo menos do que os milhares de votos (...)."

É por isso que o poema de Brecht – *do rio que tudo arrasta se diz que é violento, mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem* – não vale o mesmo em ditadura e em democracia. Não

perceber isto é não perceber sequer a importância da Democracia. As duas jovens não podem querer a democracia para a votação para o delegado de turma lá da escola, mas, depois, acharem que são elas as duas que decidem quando é que um ministro fala e o que é que deve dizer. A democracia do ovo é como o ovo de colombo. Parece simples, mas implica partir o próprio ovo ou, neste caso, partir a própria Democracia.

Era possível que o ministro fosse outro e que as suas políticas ambientais fossem outras, tal como era possível que as empresas em causa patrocinassem outras conferências ou nenhumas ou que mudassem a sua posição em termos ambientais.

Era possível. Basta votar. Em democracia, o voto é a arma do povo enquanto os ovos são a droga do povo.

"Em democracia, o voto é a arma do povo enquanto os ovos são a droga do povo. "

Como qualquer droga, dão uma falsa e automática sensação de poder, de domínio e de contentamento, a que se segue, no entanto, a ressaca de quando as câmaras de TV se desligam e as jovens regressam à Universidade, onde ouvirão dizer que uma imagem vale mais do que mil palavras e que em Democracia não se atiram pedras aos telhados de vidro e muito menos se atiram ovos aos ministros.

"Como qualquer droga, dão uma falsa e automática sensação de poder, de domínio e de contentamento, a que se segue, no entanto, a ressaca (...)."

E para perceber isso nem é preciso ouvir. Basta ver. Talvez por isso se diga que, por vezes, o silêncio é de ouro.

Tiago Duarte

Professor Convidado da Faculdade de Direito
(Católica em Lisboa)

UM TIGRE QUE NÃO DEIXA DORMIR A CHINA

Escrever sobre um conflito na Ásia Oriental não é algo novo, ou até recente. Contudo, parece-me ser um assunto que todos devemos ter em conta – dada a sua atualidade - e, por isso mesmo, decidi debruçar-me sobre o tema.

Antes de imergirmos no cerne da questão, considero vital recuar um pouco na história para perceber todo o enquadramento histórico e político-social que, ainda hoje, fomenta esta maciça disputa entre a República Popular da China e a dita "Ilha Formosa".

Curiosamente, a ilha de Taiwan foi descoberta pelo povo que *navegou por mares nunca dantes navegados*, "passou pelas mãos" dos holandeses, dos espanhóis, dos chineses e mais tarde, após uma vitória dos nipónicos sobre os chineses, a ilha foi anexada pelo Japão até ao final da Segunda Guerra Mundial. Em 1949, Taiwan (que, à data, já se encontrava, novamente, sob o domínio chinês) foi o palco de refúgio dos dissidentes nacionalistas derrotados pelos comunistas na guerra civil chinesa, o que, desde logo, causou alguma repulsa em relação a esta parte integrante do território chinês que, desde então, se assume isolada e independente.

"Curiosamente, a ilha de Taiwan foi descoberta pelo povo que navegou por mares nunca dantes navegados (...)."

D.

Na década de 1970, Taiwan, juntamente com outros 3 países do Sudeste-Asiático (Hong-Kong, Coreia do Sul e Singapura), fomentaram um bloco económico, dinamizador da economia, conhecido como "Tigres Asiáticos", o que permite, atualmente, à Ilha Formosa ser um país (para aqueles que assim o entendem; de qualquer forma, irei referir-me neste texto a Taiwan como um país) líder em tecnologia, a nível mundial (na verdade, a Taiwan Semiconductor Manufactoring Company – TSMC – representa, atualmente, 54% da produção global de semicondutores – uma matéria-prima utilizada na produção dos chips; as restantes empresas locais fazem com que Taiwan detenha 92% da produção global de semicondutores avançados).

"(...) Taiwan, juntamente com outros 3 países do Sudeste-Asiático (...), fomentaram um bloco económico, dinamizador da economia, conhecido como "Tigres Asiáticos", o que permite, atualmente, à Ilha Formosa ser um país (...)."

Hoje, Taiwan, com cerca de 23 milhões de habitantes, possui o seu próprio governo – eleito democraticamente –, assim como a sua própria Constituição, autointitulando-se como um país *autónomo e independente*. Conquanto, a nível internacional, apenas 12 países e o Vaticano reconhecem a Formosa como um Estado-Independente. Por sua vez, a República Popular da China, tal como fará com as Regiões Administrativas Especiais de Hong Kong e Macau, tem como objetivo a plena integração de Taiwan no território chinês.

"Hoje, Taiwan, com cerca de 23 milhões de habitantes, possui o seu próprio governo – eleito democraticamente –, assim como a sua própria Constituição, autointitulando-se como um país autónomo e independente."

Como foi reconhecido pelos próprios dirigentes de Taiwan, as relações entre estes 2 países atravessam a sua pior fase em 40 anos. Em 2021 a tensão azedou com o envio de forças aéreas militares que rondaram a Zona de Identificação da Defesa Aérea de Taiwan.

Desde então, as coisas têm-se deteriorado dia após dia. Em agosto de 2022, a Presidente do Congresso norte-americano, Nancy Pelosi, visitou Taiwan, deixando promessas de que os Estados Unidos da América (EUA) não abandonariam a Ilha Formosa o que, consequentemente, além de ter sido condenado, foi visto como uma provocação e uma afronta à República Popular Chinesa (em resposta, foram, na altura, enviados 21 aviões militares para a Zona de Identificação da Defesa Aérea de Taiwan, assim como foram impostas sanções comerciais). Os EUA, embora diplomaticamente tenham aderido à política "*One China*" – que reconhece que existe apenas uma China e um governo, em Pequim – , em agosto de 2022, Joe Biden voltou a asseverar que apoiaria Taiwan militarmente, na eventualidade de estes serem invadidos pela China, definindo, assim, a posição de Washington de uma forma contrária àquela que consta dos laços diplomáticos.

D.

"Desde então, as coisas têm-se deteriorado dia após dia."

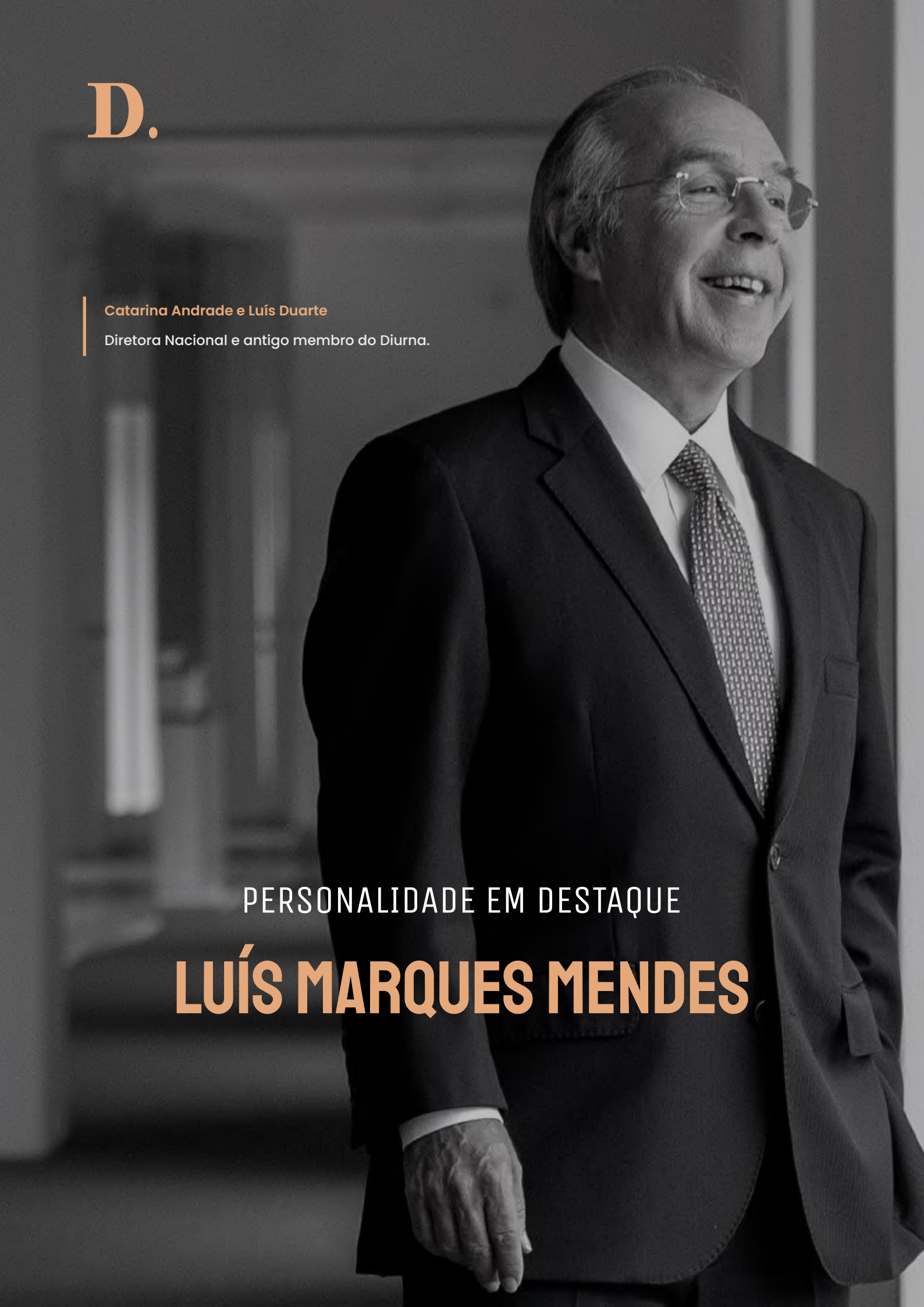
Xi Jinping já garantiu, mais que uma vez, que a "reunificação" entre a China e Taiwan é inevitável, sem nunca ter descartado a possibilidade de ter de recorrer ao uso da força. A diferença entre o armamento de cada um destes é, inegavelmente, diferente, o que, por sua vez, não é sinónimo de determinado desfecho (vejamos, neste sentido, por exemplo, o que aconteceu entre a Ucrânia e a Rússia).

De qualquer forma, o desequilíbrio geoestratégico nesta zona é preocupante para o mundo, uma vez que a região representa cerca de 20% a 30% da economia mundial, tornando-se um mercado demasiado apetecível para ignorar.

"(...) o desequilíbrio geoestratégico nesta zona é preocupante para o mundo, uma vez que a região representa cerca de 20% a 30% da economia mundial, tornando-se um mercado demasiado apetecível para ignorar."

Gustavo Francisco Quinteiro

Aluno de Mestrado da Faculdade de Direito
(Católica em Lisboa)



D.

Catarina Andrade e Luís Duarte

Diretora Nacional e antigo membro do Diurna.

PERSONALIDADE EM DESTAQUE

LUÍS MARQUES MENDES

D.

Luís Marques Mendes

Embora tenha deixado a política ativa há vários anos, certo é que a política não abandonou o protagonista do comentário de domingo à noite. Luís Marques Mendes tem 66 anos e o conhecimento de quem já viveu mais do que uma vida. A facilidade e o brio com que, sem qualquer preparação, navegou pelas nossas perguntas, deixam evidente que a política lhe é tudo menos uma paixão do passado.

Para nós, editores, fica a memória da simpatia e de um discurso eloquente. Aos nossos leitores, esperamos deixar-lhes uma pequena viagem pela vida e visão política de um Homem com quem muito se pode aprender.

Se só pudesse escolher uma, advocacia ou política, qual é que escolheria?
Se alguma vez tivesse sido colocado nessa posição, eu seria uma pessoa infeliz.

Voltando um pouco atrás no tempo, enquanto fazia a Licenciatura em Direito, trabalhava também no Governo Civil de Braga. A vida política inicia-se assim em paralelo com o percurso académico. Como é que geriu essa situação?

Foi mais fácil do que imaginava. Eu fui aquilo a que se convencionou chamar-se um "trabalhador-estudante". Fiz o curso de Direito, na Universidade de Coimbra, e trabalhei ao mesmo tempo (durante um ano no Governo Civil em Braga, como adjunto do então governador, nos anos seguintes como Vice-Presidente da Câmara de Fafe). Tive algumas objeções do meu pai, que achava difícil conciliar as duas coisas. Eu tinha 18 anos e a ambição típica dessa idade, achava que conseguia conciliar tudo… e acho que consegui. É tudo uma questão de disciplina. Há tempo para tudo desde que nós saibamos usar bem o tempo. Eu devo dizer que tive tempo para tudo - para estudar, para fazer os exames, para exercer os meus cargos, para namorar e para me divertir.

Há quem diga que o curso de Direito é, em grande parte, Gestão.

Eu acho que em tudo na vida precisamos de ter três coisas: disciplina, capacidade de planeamento e capacidade de gestão. Temos de saber gerir o nosso tempo e de ser disciplinados. Se eu tiver programado uma reunião de uma hora ao início da manhã que acaba por deslizar para duas horas, vai ser muito difícil, ao longo do dia, ser um profissional disciplinado. Esta experiência foi muito importante. Por um lado, porque quis provar que era possível fazer várias coisas ao mesmo tempo e fazê-las bem. Por outro, porque me habituei desde muito novo a ser disciplinado. Correu bem. Podia ter corrido mal, mas correu bem.

"Eu acho que em tudo na vida precisamos de ter três coisas: disciplina, capacidade de planeamento e capacidade de gestão."

Depois de acabar o curso, começou a exercer advocacia. A vida política já era uma ambição nessa altura, ou foi antes uma oportunidade do momento?

Eu não escondo que, desde muito novo, tinha duas ambições na vida: ser advogado e ser político. Quando acabei o curso, deixei os cargos políticos - dediquei-me a fazer o estágio de advocacia e, mais tarde, a fazer advocacia em pleno. Não durou muito tempo, porque cinco anos depois fui convidado para o Governo (nos anos 80, não era habitual um jovem de 28 anos ser convidado para Secretário de Estado). Tive muitas dúvidas e só aceitei à terceira. Na vida política as oportunidades vão surgindo e ou dizemos "sim", ou "não"; ou agarramos as oportunidades, ou deixamo-las fugir. Não me arrependo. Assim começou uma longuíssima vida política de 22 anos consecutivos. Sim, sempre tive presente a ideia de um dia vir a conciliar a advocacia com a vida política. Acho que, mais ano menos ano, iria sempre fazer intervenção política, porque era uma das minhas paixões.

Como é que foi fazer essa mudança para Lisboa?

Foi difícil, foi difícil. É preciso situarmo-nos no tempo. Hoje, em pleno Séc. XXI, viver no Porto ou em Lisboa não é nada dramático. O país é pequeno e de comboio, carro ou avião estamos num instante num lado ou noutro. Em 1985 era tudo diferente. O país era diferente. Eramos mais distantes uns dos outros e para vir de Fafe a Lisboa de automóvel demoravamos 5 ou 6 horas. Além disso, tinha de deixar a advocacia, que tinha iniciado poucos anos antes e que gostava de exercer. Sou confrontado por duas paixões profissionais e por uma vida pessoal. Não foi fácil e por essa razão é que recusei duas vezes o convite e só aceitei à terceira. Estou arrependido? Não. Foi difícil? Foi... mas a vida é mesmo assim. Há escolhas fáceis, outras mais difíceis, umas mais arriscadas, outras menos arriscadas, umas com um retorno maior, outras com um retorno menor. Habituarmo-nos a tomar decisões é algo muito positivo.

"Estou arrependido? Não. Foi difícil? Foi... mas a vida é mesmo assim."

Se só pudesse escolher uma, advocacia ou política, qual é que escolheria?

Escolhia quase inevitavelmente a advocacia, porque a política é muito mais uma paixão do que uma profissão. A advocacia é uma atividade profissional e não se pode viver sem trabalhar. Em qualquer caso, se alguma vez tivesse sido colocado nessa posição, eu seria uma pessoa infeliz. Foram ambas - advocacia e política - paixões da minha vida, desde muito cedo, talvez influenciado pelo meu pai, que era um grande advogado e também já tinha bastante intervenção política. Eu sempre fui uma pessoa feliz com a vida... sempre, sempre, sempre. Não sou propriamente uma pessoa com angústias, não sou uma pessoa zangada com ninguém, não sou uma pessoa em desencontro com a vida. Não. Aconteceram coisas boas e más, mas estou muito bem com a vida.

"(...) se alguma vez tivesse sido colocado nessa posição, eu seria uma pessoa infeliz. Foram ambas paixões ao longo da minha vida, desde muito cedo (...)."

E se fosse por paixão?

A política. A política é um vício, um bom vício. Não se começa a fazer política aos 17 anos a pensar nas mordomias de um cargo, a pensar em ganhar dinheiro. Começamos porque temos um ideal, porque temos um projeto, porque temos uma convicção... e isso é uma coisa lindíssima.

D.

"Começamos porque temos um ideal, porque temos um projeto, porque temos uma convicção... e isso é uma coisa lindíssima."

Referiu o elemento de risco nas tomadas de decisões. Considera-se uma pessoa avessa ao risco ou...?

Não, não, não. Eu adoro o risco. A minha vida foi sempre de convivência com o risco... um risco responsável, mas um risco. Fiz a licenciatura enquanto trabalhava. Correu bem, mas podia ter corrido mal. Em 1985, fiz uma mudança radical de vida. Correu bem, mas podia ter corrido mal. Em 1999, fui eleito o melhor líder parlamentar da legislatura e, quando toda a gente me pedia para continuar, eu decidi sair. Corri um risco. Em 2002, fui para o Governo e candidatei-me à liderança do partido - outro risco. A minha vida, sobretudo a vida política, é sempre uma vida cheia de riscos... mas eu gosto. Não gosto muito da bu-rocracia, nem do situacionismo. Gosto de coisas irreverentes, inovadoras, fora do vulgar e com ambição.

"(...) é sempre uma vida cheia de riscos... mas eu gosto. Não gosto muito da burocracia, nem do situacionismo. Gosto de coisas irreverentes, inovadoras, fora do vulgar e com ambição."

Também houve algum risco envolvido, por exemplo, no Congresso Nacional do PSD, na Figueira da Foz. Como é que vivenciou esses acontecimentos inesperados?

Foi um desafio enorme esse congresso. Eu tinha 27 anos. Foi um congresso desafiante, em dois ou três aspetos essenciais. Primeiro, foi um congresso de desfecho imprevisível. Todos os jornalistas, comentadores da época e militantes e dirigentes do PSD - se não todos, a esmagadora maioria - vaticinavam que o vencedor seria o Dr. João Salgueiro - recentemente falecido, mas que era uma grande figura e o candidato mais apoiado quando o congresso começou. Cavaco Silva sai do congresso como líder do PSD.

"Foi um desafio enorme esse congresso."

Além disso, Cavaco Silva faz um primeiro discurso que muda radicalmente o con-gresso, com base num argumento que era talvez o menos aconselhável: a ideia de que o PSD devia apoiar Freitas do Amaral como candidato à Presidência da República no ano seguinte. Ora, Freitas do Amaral não era - tirando as suas enormes qualidades de esta-dista - uma pessoa muito querida no PSD. Ou seja, Cavaco Silva lança como grande argumento em defesa da sua candidatura uma candidatura presidencial que não era a que o partido mais desejava, mas mudou o congresso. Finalmente, para mim, foi um congresso muito desafiante, porque pensava que ia assistir de bancada, tranquilo e sereno, e acabei por sair como membro da Comissão Política Nacional.

Foi um daqueles congressos que marcam para a vida inteira.

"Foi um daqueles congressos que marcam para a vida inteira."

D.

Como é que foram os anos seguintes, com Cavaco Silva?

Cavaco Silva, como qualquer pessoa e como qualquer político, tem defeitos, mas, enquanto governante, as qualidades são maiores que os defeitos e a obra que fez tem grande dimensão. Na vida ninguém faz só coisas boas, nem só coisas más. Cavaco Silva tem duas ou três coisas que são invulgares num político em Portugal e, do meu ponto de vista, ninguém vai batê-lo nisto. Cavaco Silva tem quatro maiorias absolutas superiores a 50% dos votos - duas como Primeiro-Ministro e duas como Presidente da República. Nas eleições legislativas isto é quase impossível acontecer, porque são vários partidos em disputa. Para ter 50%, em cada dois portugueses um tem que votar nele. Isto nunca aconteceu e nunca mais vai acontecer. Se tivesse sido uma vez, poder-se-ia dizer que foi um acaso, que foi por engano, mas tendo sido duas vezes só há uma explicação: ele era um "fazedor" e tinha uma obra imensa para apresentar.

Para ser isento, justo e objetivo, Cavaco Silva tem muitas falhas e vários erros, mas comparando o ativo e o passivo não há dúvida que o país mudou radicalmente - era um país muito pobre e dez anos depois estava muito menos pobre. Portugal estava afastadíssimo dos padrões de vida na Europa e aproximou-se da Europa, estava distante entre si e aproximou-se pelas vias de comunicação. Houve um investimento na educação como nunca tinha havido. Os reformados passaram a ter mais um mês de apoio. O país liberalizou-se, modernizou-se e desenvolveu-se. Só isto é que justifica que alguém, em duas eleições seguidas, tenha mais de 50% dos votos. Será que os portugueses são todos estúpidos? Será que os portugueses que em 1987 e 1991 lhe deram duas maiorias de 50% enloqueceram todos? Não. Os portugueses são sempre sensatos e fazem as suas escolhas sensatas, embora umas vezes ajuízem de uma forma e outras vezes ajuízem de outra. Cavaco Silva, como Primeiro-Ministro, foi talvez o mais reformador da democracia portuguesa... provavelmente o melhor Primeiro-Ministro que o país teve até hoje.

No passado chegou a fazer uma distinção entre políticos "puros", como Álvaro Cunhal ou Francisco Sá Carneiro, e políticos "fazedores" como Cavaco Silva. Falta algum desses perfis em particular na política portuguesa?

Os tempos são diferentes e as circunstâncias são diferentes. Acho que tivemos a sorte de ter tido bons políticos (e reporto-me a pessoas de vários quadrantes, tento ser justo na análise): 1) Mário Soares, que teve um contributo vital em duas áreas - na consolidação da liberdade, em 1975, quando o PCP quis impor uma ditadura no país (não foi a direita que foi capaz de fazer esse combate, foi Mário Soares) e, depois, na entrada de Portugal na Europa; 2) Sá Carneiro, com um mandato muito curto, porque morreu cedo, foi um grande combatente por uma demo-cracia pluralista; 3) Cavaco Silva, já não tanto nesta dimensão da democracia, de liberdade, mas na componente do desenvolvimento - os dez anos de Cavaco Silva são os dez anos de maior desenvolvimento do país; 4) Ramalho Eanes, que foi um Presidente da República importantíssimo, com a coragem de consolidar a democracia e que hoje é uma grande referência cívica e política no país; e 5) Jorge Sampaio, que foi um Presidente da República de uma grande responsabilidade.

Ao longo destes anos, temos tido alguns exemplos de grandes estadistas, de esquerda, de direita e ao centro. Agora é diferente. Eu gostava de ver pessoas com as convicções, a coragem e a ambição que vi nestes casos que referenciei. São três palavras. As três coisas que acho mais importantes na vida política. Admito que a maior parte dos políticos tenha convicções, embora às vezes não pareça. Coragem, tem havido muito pouca. Ambição, quase nenhuma. Acho que falta ao país ambição. É tudo pequenino. As pessoas ficam felizes com pouco. Quando digo ambição digo sonho, utopia, vontade e determinação de mudar.

"Eu gostava de ver pessoas com as convicções, a coragem e a ambição que vi nestes casos que referenciei. São três palavras. As três coisas que acho mais importantes na vida política."

Tem algum lema de vida?

Estar sempre bem com a vida. A única preocupação que eu tenho é estar sempre bem, bem com a vida. Tenho tido essa felicidade, sou um privilegiado. Sou um privilegiado pelos amigos e pelas oportunidades.

Um livro que toda a gente devia ler antes de morrer.

Escolher só um é a coisa mais difícil que há. Acho que era muito importante que as pessoas lessem o mais possível livros sobre a nossa história e algumas biografias de pessoas que marcaram o nosso mundo. Estamos numa altura em que é preciso voltar à nossa história, que está a ser muito desvalorizada, descontextualizada. Sugeria uma biografia de Churchill. É uma mais valia. Eu já li várias. Churchill foi das pessoas mais importantes na Segunda Guerra Mundial. Foi um grande estadista.

Que papel é que entende que Portugal tem na Europa? Considera que a Europa se pode vir a tornar em algo mais próximo de um Estado Federal?

A União Europeia é um grande projeto. É um grande projeto do ponto de vista da prosperidade, do desenvolvimento e do ponto de vista social. Provou ser um grande projeto e acho que veio para ficar. Tirando o caso especialíssimo do Reino Unido, que fez um referendo para sair (e eu estou convencido de que hoje os britânicos estão, na sua maioria, arrependidos) não estou a ver mais nenhum país da UE que queira sair e há vários que querem entrar. O projeto da UE não é passado: é passado, é presente e acho que tem um futuro longo e promissor à sua frente. Eu acho que a UE nunca vai ter um modelo federal, pelo menos na minha geração. É um modelo diferente de todos aqueles que existem no mundo - nem é um projeto intergovernamental, nem federal, é um projeto que tem várias matizes e este é o seu ar profundamente inovador, interessante e desafiante. Se houvesse qualquer tentação de o transformar num projeto federal, implodia. Isto não quer dizer que nalgumas áreas não haja algumas práticas de natureza federativa. A moeda única é um exemplo em que se vêem sinais de federalismo, um federalismo monetário. Todos os países aceitaram isso à época, porque perceberam que, nesta área, partilharem soberania tinha vantagens para todos. Do ponto de vista político, vir a ser uma espécie de Estados Unidos da Europa é impossível.

"Se houvesse qualquer tentação de o transformar num projeto federal, implodia. (...) vir a ser uma espécie de Estados Unidos da Europa é impossível."

Tendo em conta que a NATO atravessa provavelmente aquele que é o seu momento mais sensível desde a Guerra Fria, que papel é que entende que Portugal pode ou deve ter no âmbito da segurança e da defesa?

Em relação à ligação entre a UE e a NATO e, noutro plano, o papel cada vez mais importante da área da segurança e defesa, podemos dizer que há dois anos ninguém imaginava voltar a ter uma guerra na Europa. Mas há uma guerra na Europa e essa guerra veio para ficar. Vai ser uma guerra longa, de exaustão, o que levanta novos problemas. A primeira grande questão é que ressuscitou a NATO. A NATO estava morta, em "morte cerebral", como dizia Macron, e foi ressuscitada com uma força que não tinha antes. No momento em que, por exemplo, a Suécia e a Finlândia, países tradicionalmente neutrais, entram na aliança atlântica, percebemos que a NATO é uma realidade nova. A UE vai ter um grande desafio e os países que a integram vão ter de gastar mais com defesa e segurança. É a lei da vida. Os países que, tal como Portugal, não estão muito habituados a gastar dinheiro com defesa, vão ter de fazer mais investimentos.

Eu acho que a Ucrânia vai acabar por entrar na UE, mas não vai ser um processo fácil. Eu sou muito a favor da entrada da Ucrânia na UE. A UE não fica completa enquanto esta abertura a leste não se fizer - é um projeto incompleto, inacabado.

Além disso, existe uma questão de solidariedade. Nós estamos solidários para com os ucranianos, mas nós não corremos risco nenhum - estamos em frente à televisão a apoiá-los, mas eles estão no terreno a dar a vida. Isto faz toda a diferença do mundo. Nós não corremos risco nenhum, mas eles correm riscos por eles e por nós, porque se houver uma derrota na Ucrânia, a Europa vai perder - se Putin ganha a guerra, qualquer outro país na Europa pode um dia vir a ser ocupado pela Rússia.

"Nós não corremos risco nenhum, mas eles correm riscos por eles e por nós, porque se houver uma derrota na Ucrânia, a Europa vai perder (...)."

Mais, há uma razão de coerência. Quando, nos anos 80, Portugal aderiu à CEE, também precisou da solidariedade da Europa. Havia países desconfiados e nós tivemos a solidariedade europeia. Não podemos negar a solidariedade à Ucrânia quando fomos beneficiários líquidos disso. Também importa referir que se a Ucrânia entrar, entra um grande país em termos de população e território e o país mais pobre que alguma vez entrou na UE. Se é grande em território, vai ter acesso a grandes fundos; se é grande em população, agrava-se a situação; se é muito pobre, ainda de mais fundos vai precisar. Como os fundos não são eternos, evidentemente que divididos assim não vão ser os mesmos fundos que hoje em dia existem, mas nós temos de ser capazes de mudar o que houver a mudar e acomodar a Ucrânia por uma razão estratégica, de solidariedade e de coerência.

"(...) nós temos de ser capazes de mudar o que houver a mudar e acomodar a Ucrânia por uma razão estratégica, de solidariedade e de coerência."

O recrutamento de estrangeiros para as Forças Armadas é um sinal de que Portugal não está a dar a resposta que deveria nas áreas da segurança e defesa num momento tão crítico como o que estamos a viver?

É um sintoma de que também no domínio militar a governação fica muito aquém das expetativas. Também nas Forças Armadas há baixos salários e baixos incentivos, como acontece na sociedade em geral. Se melhorarem os salários e os incentivos aos profissionais das Forças Armadas, os portugueses aderem. Agora, quando nós temos um problema tentamos sempre, à portuguesa, encontrar uma solução ao lado do problema. Eu acho que se deveria resolver o problema, e não tentar encontrar uma solução ao lado do problema. Estrangeiros nas Forças Armadas é um mau caminho. Além do mais, dividiria a sociedade portuguesa sem resolver o problema essencial: paga-se mal a quem presta um serviço público e nacional.

Em 1999, defendeu numa entrevista à RTP a redução do número de deputados e a redução dos círculos eleitorais com vista a uma maior personalização do voto, etc. Ainda é da mesma opinião?

Sim, sou, mas não tenho esperança que isso alguma vez vá acontecer na minha geração. Eu tenho as minhas convicções e não as mudo. Primeiro, a Assembleia da República funcionaria melhor com menos 20 ou 30 deputados. Além disso, sou um grande defensor de círculos uninominais, ou seja, um círculo, um deputado, compensados com um círculo nacional. É essencialmente o modelo alemão. Hoje, ninguém conhece os deputados que estão no Parlamento, do partido A, B ou C. Em consequência disso, não há nenhuma ligação entre o deputado e as pessoas que o escolheram. O deputado não sente nenhuma vontade de fazer essa ligação ao eleitor, porque sabe que na hora da verdade não é o eleitor que o vai escolher, é o chefe partidário - a preocupação que ele tem é só de agradar ao chefe partidário. Formalmente, o deputado tem muito poder, mas na prática não tem poder nenhum, porque quem manda são os chefes partidários e se o deputado não obedecer é substituído nas listas. Isso é bom? Não, é mau... mas é porque o sistema eleitoral conduz a esta realidade.

"(...) não há nenhuma ligação entre o deputado e as pessoas que o escolheram. O deputado não sente nenhuma vontade de fazer essa ligação ao eleitor, porque sabe que na hora da verdade não é o eleitor que o vai escolher, é o chefe partidário (...)."

O que é que é o PSD hoje e o que é que deveria ser?

Ser líder da oposição em Portugal é provavelmente o cargo mais difícil de desempenhar (não sou eu que o digo pela primeira vez, quem o disse foi António Costa). Nunca se agrada a toda a gente. Os militantes querem um discurso muito arrasador, "querem sangue", mas se um líder da oposição fizer um discurso arrasador não agrada a uma parte grande dos portugueses, que de um modo geral têm uma lógica mais moderada. Eu já fui líder da oposição e este equilíbrio é muito difícil. De todos os líderes da oposição em Portugal (entre os que estiveram na oposição mais do que uns meses), nenhum foi apon-tado como um bom líder da oposição. O país chamou os nomes todos a todos os líderes da oposição. Desde logo, António Guterres, que foi líder da oposição no tempo da segunda maioria absoluta de Cavaco Silva. Mário Soares fez-lhe a vida negra e chegou a dizer que Manuel Monteiro, líder do PP, era melhor líder da oposição que Guterres. Organizou um congresso que se chamava "Portugal, que futuro?" para mostrar que António Guterres não era eficaz a fazer oposição. Depois, Passos Coelho esteve pouco tempo na oposição, mas chegou mesmo a ter um dia um Vice-Presidente que disse "ou provocas eleições no país, ou temos por cá eleições internas para correr contigo". Até mesmo António Costa, que esteve pouco tempo na oposição, foi muito criticado. Montenegro é a mesma coisa. Eu acho que está a fazer um trajeto em muito semelhante ao de António Guterres.

"Ser líder da oposição em Portugal é provavelmente o cargo mais difícil de desempenhar (...)."

Isto para dizer que não me imagino a ver um líder da oposição que seja muito elogiado. Ele será sempre muito mais criticado que elogiado. Dizem sempre que o líder da oposição não tem carisma. Só o ganha quando chega ao Governo.

De onde nasce a maioria absoluta do PS?

Acho que é muito fácil de compreender a maioria absoluta do PS. Vem de duas coisas muito simples. Primeiro, o PS passou uma campanha eleitoral toda a fazer-se de vítima, porque foi derrubado e chumbaram o orçamento. Quando dois partidos (o BE e o PCP) chumbaram o orçamento, sabiam que estavam a dar origem a uma dissolução e a eleições. O país não gosta disso, o país gosta de estabilidade. Por isso é que o resultado evidencia a subida do PS e uma descida grande do BE e do PCP. Além disso, em plena campanha eleitoral, o PSD de Rui Rio deu a entender que poderia coligar-se com o Chega. Ora, o Chega é um ativo tóxico da democracia portuguesa. Não sei se era a brincar ou a sério, mas nunca se pode brincar numa campanha eleitoral. O PS aproveitou-se disso para ter o coelho que lhe faltava para a maioria absoluta. Se não fossem estas duas razões, ganhariam, mas não com a maioria absoluta. O BE e o PCP, por um lado, e o PSD, por outro, ajudaram António Costa a ter a maioria absoluta. António Costa não teve grande mérito. Isto foi muito mais demérito destes três partidos.

O mesmo povo que elegeu António Costa para primeiro-ministro, elegeu também Marcelo Rebelo de Sousa para Presidente da República. Acha que isso se deve a uma consciência coletiva da necessidade de contrabalançar os órgãos do Estado com diferentes quadrantes políticos, ou que vem antes provar que as pessoas estão mais preocupadas com os candidatos do que com os partidos?

Acho que é um misto. Por um lado, o país gosta muito de equilíbrio e aprecia um Governo de uma cor política e um Presidente da República de outra cor política. Segundo dado, é também o aproveitamento das circunstâncias, porque, não fossem as circunstâncias que referi, António Costa ganhava, mas não ganhava com maioria absoluta. O país pode apreciar o equilíbrio político, mas o equilíbrio pode-se fazer com um governo minoritário ou com um governo maioritário. Além disso, às vezes também se vota contra qualquer coisa e António Costa beneficiou disto, com um conjunto grande de portugueses que votaram nele a favor da estabilidade. Foi uma conjugação de fatores. Acho que é um misto: por um lado, o país aprecia equilíbrio, por outro lado, António Costa beneficiou das circunstâncias.

"(...) o país gosta muito de equilíbrio e aprecia um Governo de uma cor política e um Presidente da República de outra cor política."

Se só pudesse mudar uma coisa no país, o que é que seria?

Isso é uma pergunta de algibeira difícil... Mudava os salários. Acho que são hoje a questão essencial do país. Neste caso, os baixos salários. Isto porque se subir os salários estou a atuar em muitas direções, a montante e a jusante. Se eu mudar os salários, o país passa a crescer mais e o país precisa mesmo de crescer mais. Se eu mudar os salários, há um ajustamento para baixo dos impostos, quando temos uma carga fiscal pesadíssima. Se eu tenho salários mais altos, os jovens altamente qualificados que hoje saem das Universidades não têm de emigrar e investem o seu talento cá dentro. Por um lado, garante-se o elevador social. Por outro lado, garante-se maior talento na economia portuguesa. Finalmente, enquanto nós tivermos uma economia de baixos salários, nunca seremos realmente competitivos por esse mundo fora, porque a grande competição vai fazer-se com base na tecnologia, desde logo, na inteligência artificial. Nós não vamos ser competitivos se pagarmos mal.

Se eu pudesse, o problema que resolvia era o dos baixos salários, porque a montante significaria que o país estaria outro, mais próspero e desenvolvido; a jusante, teria mais condições para ser mais competitivo. É ter uma economia que se afirma do lado da inovação, da sustentabilidade e da competitividade. Isto é o futuro.

D.

Faz-me muita impressão que ainda hoje se discuta muito mais o circo do que a substância das matérias. Oferecer aos jovens umas passagens de comboio ou uns dias nas Pousadas da Juventude é circo. Os problemas são muitíssimo mais sérios do que esse.

Faz-me muita impressão que não se discuta a grande revolução digital que estamos a ter. Há países na Europa e no mundo que se transformaram em economias brutalmente competitivas por causa desta revolução digital. A Estónia, um país mais pequeno que Portugal, enverdou há vinte anos por uma reforma desta natureza e teve uma performance económica fantástica. Esta é a primeira revolução que acontece há muitos séculos em que nós não começamos a perder. Não é como a revolução industrial, que em grande medida dependia de matérias-primas. Aqui dependemos dos recursos humanos apenas, da qualidade dos nossos talentos, da vossa qualidade. É nesta parte que nós temos que apostar.

A primeira coisa indispensável é impedir que os jovens altamente talentosos saiam do país. A saída dos jovens do país não é má para eles, é má para o país. Os jovens vão ganhar mundo, vão tornar-se mais competitivos e mais abertos, vão ser melhores como pessoas e muito melhores como profissionais. Só que o país perde. Enquanto nós perdemos estes jovens talentos, não ganhamos a revolução da digitalização que está em curso. Estes são os grandes desígnios do momento, tudo o resto acho que é do domínio da pequenina política. E como eu costumo dizer, com sentido de humor, "para pequenino já chego eu".

"(...) é impedir que os jovens altamente talentosos saiam do país. Os jovens vão ganhar mundo (...). Só que o país perde. Enquanto nós perdemos estes jovens talentos, não ganhamos a revolução da digitalização que está em curso."

Catarina Andrade e Luís Duarte

Diretora Nacional e antigo membro do Diurna.

JAZ MORTO, E APODRECE

"(...)
(Malhas que o Império tece!)
Jaz morto, e apodrece,
O menino da sua mãe."
- últimos versos de "O menino de sua mãe", de Fernando Pessoa

Malhas que o Império tece! - o único verso que não trata do menino. Afinal, só isso importa à sua mãe: as preces em casa lá longe, o sangue que lhe ralha a farda, o plaino abandonado onde jaz morto. Contudo, em cinco palavras, é nos introduzida uma nova personagem, para mais não voltar a ser mencionada. Entre parêntesis, Pessoa não se contém: para o Império, ceifar vidas é mera condição necessária para vir a usar a terra.

Quem é esta entidade cujo coração é tão impenetrável que, perante tudo isto, não se comove, não deixa por um momento o tear e continua a entrelaçar indiferentemente os fios? E como representar melhor o que é um Império senão através desta personificação? A sua força motriz é sempre esta, a sua motivação o surgimento gradual do tecido através de um processo mecânico pautado pelo expandir, consolidar, expandir, consolidar... a fugir apavorado à possibilidade de cair na insignificância.

"Quem é esta entidade cujo coração é tão impenetrável que, perante tudo isto, não se comove, não deixa por um momento o tear e continua a entrelaçar indiferentemente os fios?"

Um império não quer ser apenas "um reino, mas maior". Se queremos definir império, o foco terá de ser a força motriz do domínio e controlo e não a magnitude das fronteiras geográficas. Um império carece de uma relação, pelo menos em alguma medida desigual, entre um território que serve de epicentro e, consequentemente, uma periferia por ele dominada. Sem a propensão para expandir o seu domínio e sedimentar o seu controlo, não há malhas a tecer. Sem a amálgama heterogénea, o monarca sujeita-se a reinar apenas sobre o seu próprio povo. Conforma-se com ser apenas uma nação.

O direito à autodeterminação dos povos desmoronou os impérios. Quem conta a história de um império acaba por falar das nações que se emanciparam com o seu declínio, quem conta a história de uma nação começa pelo seu grito de independência. As malhas desentrelaçam-se e os impérios revelam-se a manta de retalhos que sempre foram.

"Quem conta a história de um império acaba por falar das nações que se emanciparam com o seu declínio, quem conta a história de uma nação começa pelo seu grito de independência."

Mas será prudente rotularmos os impérios como predestinados a cair, sujeitos aos limites de saturação de quem controlam? Será a sua sede de domínio insustentável? Já sabemos... começa com uma descontração já a roçar o descuido, depois a expansão desmesurada, depois o desgoverno e um dia a revolta interna. Primeiro, os seus interiores apodrecem, e, só depois, é que tombam, mortos.

Não aprendemos com a História porque, embora oiçamos o que ela nos ensina, achamos que só acontece aos outros. Extraímos dos ciclos um padrão para depois morrer na praia. E fazemos o desserviço à Humanidade que é deixar que as lições da História morram e apodreçam. Prova disso é a presença mediática colossal de artigos sobre os paralelismos da queda de Roma e da que um dia poderá vir a ser a dos Estados Unidos. E, do 8 ao 80, a superpotência do outro lado do oceano ou é um novo Império Romano prestes a ruir... ou então nunca cairá porque é precisamente a antítese de um império. Afinal, nasceu do grito de independência de uma colónia e edificou-se enquanto ode à liberdade. Assim como o Titanic passou diretamente de inaufragável a naufragado, só se considerou que os Estados Unidos pudessem sequer colapsar quando o chão em que assentavam já estava a tremer.

"Assim como o Titanic passou diretamente de inaufragável a naufragado, só se considerou que os Estados Unidos pudessem sequer colapsar quando o chão em que assentavam já estava a tremer."

Presos ao nós vs eles entre épocas, consolamo-nos com a certeza de que a desumanidade ficou para trás. Aceitar que os erros da nossa era são censuráveis, ainda que a custo, aceitamos. Mas humilharmo-nos ao ponto de nem sequer podermos dizer que estamos na vanguarda? Não, tudo na modernidade é moderno e tudo na civilização é civilizado. Quedas? Não na nossa época. E se for, é só porque lá estão outros. Nós? Nunca. Cegos pelo complexo de superio-ridade moral que temos para com os nossos antepassados, lições necessárias à nossa própria sobrevivência morrem no plaino abandonado. Eles, que são tão humanos como nós - e nós, que somos tão desumanos quanto eles.

"Eles, que são tão humanos como nós - e nós, que somos tão desumanos quanto eles."

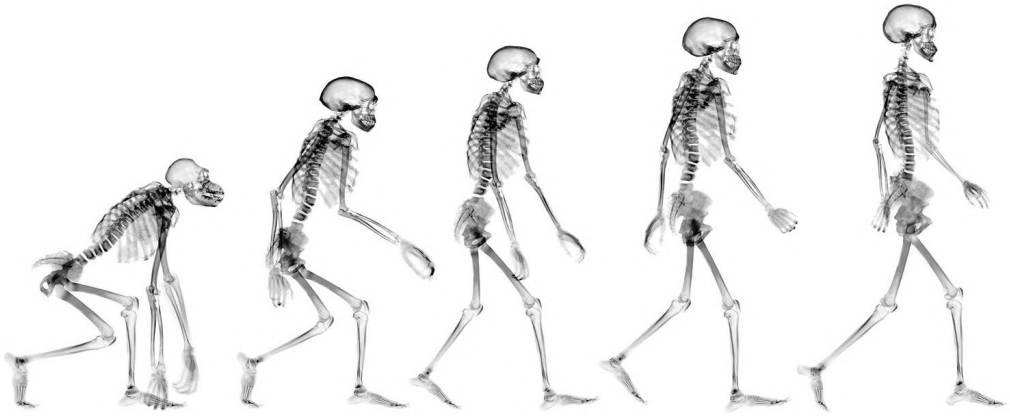
Não pergunto se os impérios de hoje vão cair. Nem se será uma queda previsível ou evitável (até porque é fácil olhar para trás e dizer "eu avisei!"). Limito-me a ter um fascínio (um pouco envergonhado) pela possibilidade de esta sede de domínio repetitiva poder indiciar algo de inegável na natureza humana. É que se a resposta for sim, não podemos deixar que o conceito de "império" deixe de ser aplicado e, com ele, todas as lições que tiramos dos impérios anteriores. É preciso deixar que não arrefeça. Um fascínio pelas certezas inabaláveis que temos sobre as nossas naus, ignorando que foram construídas a partir de destroços de madeira que vieram dar à costa. Se a resposta for sim, então, mais do que nunca, teremos de engolir as acusações que fizemos a quem nos precedeu como se a nossa casa não tivesse sido herdada, e por sinal, com telhados de vidro.

Talvez por isto haja tanto à vontade ingénuo em deixar o estudo da História para trás. O que é a História senão o que forçosamente jaz morto sem que tenhamos força em nós para tolerar que apodreça?

"O que é a História senão o que forçosamente jaz morto sem que tenhamos força em nós para tolerar que apodreça?"

Joana Coelho Yee

Aluna de Licenciatura da Faculdade de Direito
(Católica em Lisboa)



ERRAR É HUMANO PERSISTIR TAMBÉM

A revolução cognitiva que se iniciou com a criação da linguagem plantou a semente que deu inicio às raízes da árvore do conhecimento e à evolução que a partir daí se originou. Sendo o momento da criação linguística um dos problemas mais complexos daquela ciência é incerto quando surgiu esta revolução e, por isso, quão compridas são as raízes da nossa civilização.

O que seriamos senão poeira se não fosse a linguagem que criámos? Esta ferramenta é elementar na construção da nossa civilização e da sobrevivência humana neste planeta. Só assim pode este sensível ser escapar à sua morte natural pela sobrevivência, revertendo, assim, o jogo da cruel vida interespécies. A elementaridade desta característica nota-se na ocorrência (ou tentativa) destes fenómenos noutras espécies – como os macacos Sabaeus - não tendo, porém, um sucesso tão extenso, ainda.

"O que seriamos senão poeira se não fosse a linguagem que criámos? Esta ferramenta é elementar na construção da nossa civilização e da sobrevivência humana neste planeta."

Recordando Freud, "O primeiro humano que insultou o seu inimigo, em vez de atirar-lhe uma pedra, inaugurou a civilização", levando, indubitavelmente, a concluir que, o primeiro humano que, em vez de insultar, atirou uma pedra, suprimindo qualquer tipo de comunicação, inaugurou a decadência da civilização. Numa sociedade em que se atiram arbitrárias pedras àqueles que dissonam com as ideias tidas por dogmáticas, levando a um puritanismo idealista da individualidade em que se decide não falar, falar disfarçado (pela máscara que são as representações dessa realidade), deixar que os outros falem por si, ouvir apenas aqueles com que concordam, entre outros, está a decidir-se pôr fim (ou pôr-se de fora dela) à sociedade construída (esquecendo-se eles) que a comunicação e a sociedade são aquilo que nos escapa da inevitável morte (de um modo real e metafórico).

"Numa sociedade em que se atiram arbitrárias pedras àqueles que dissonam com as ideias tidas por dogmáticas, levando a um puritanismo idealista da individualidade em que se decide não falar (...)."

Notou já Aristóteles que "o Homem é um animal social". Tinha razão; porém, esqueceu-se de referir que a sociabilidade deste animal salvou-o da sua fraqueza natural. Ser, que é humano, apenas existe hoje porque sabe que o é e tem consciência disso. Poder-se-ia dizer que, a existir, seria a única vantagem – grande vantagem – que tem perante um qualquer deus, sendo ele qual for: a de ter consciência de si. Esta pequena característica tem, porém, extensas consequências. Sendo do senso comum a utilidade da consciência na nossa espécie e civilização, remete-se para a capacidade criativa de cada um a revolução por aí ocorrida. Sendo extensa esta discussão, adia-se-lha para um futuro, relembrando, porém, que, afinal, o ser humano – ser frágil e de fácil extinção – apenas consegue ser a espécie dominante neste planeta por causa das suas capacidades sociais impressionantes.

"Ser, que é humano, apenas existe hoje porque sabe que o é e tem consciência disso."

Um ser verdadeiramente consciente reconhecia logo a fragilidade desta vantagem face aos outros animais, não fosse o ego natural dele cegar a clara evidência perante seus olhos. Levando-o, orgulhosamente, ao precipício da sua espécie, à inevitável queda – orgulhosa, sempre – daquele que se disse consciente, acaba com o que conseguiu começar (e com aquilo com que conseguiu começar). Errar é humano. Persistir, aparentemente, também o é, ao contrário do que dizem.

Francisco Almeida Amaral

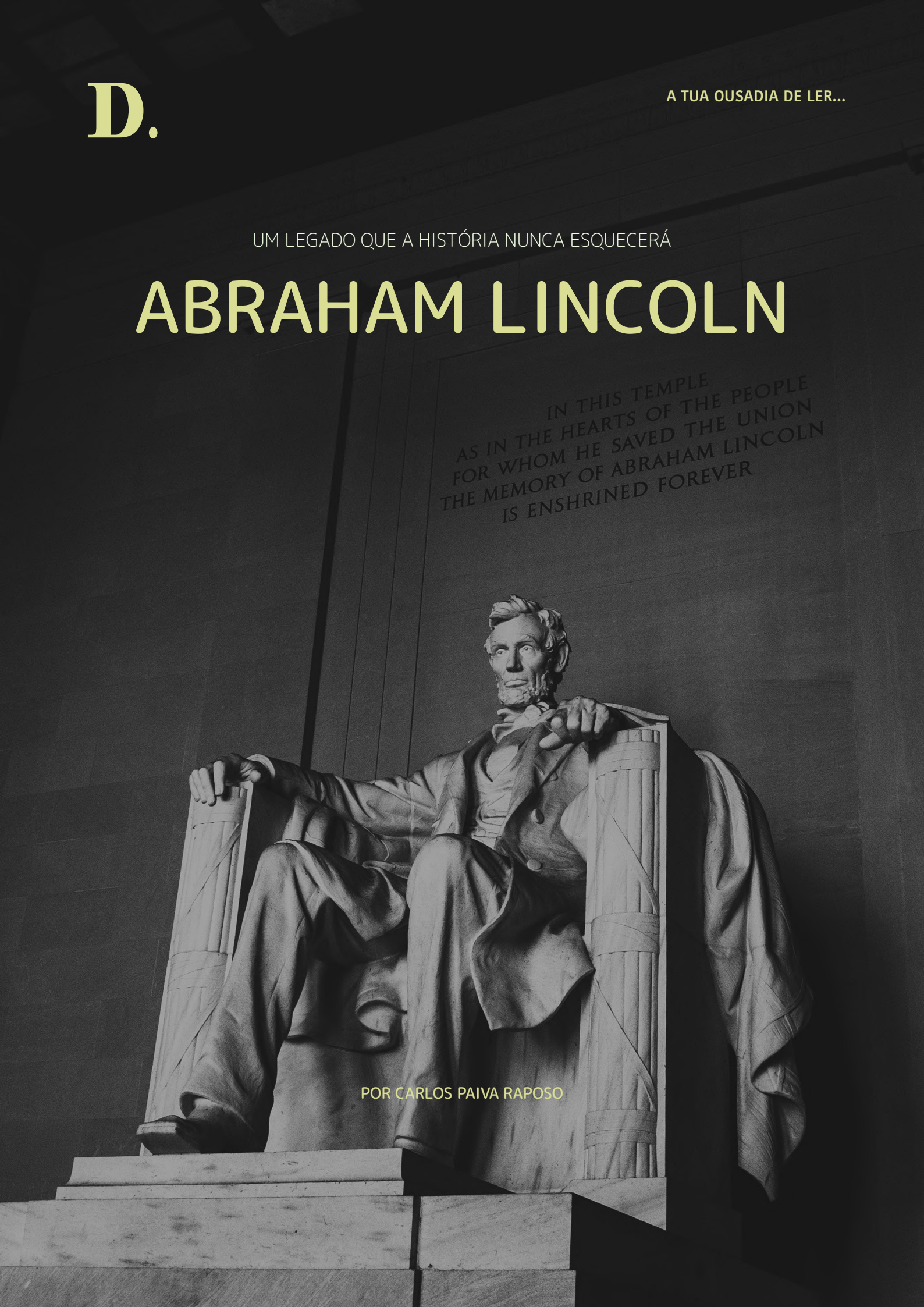
Aluno de Licenciatura da Faculdade de Direito
(Católica no Porto)

D.

A TUA OUSADIA DE LER...

UM LEGADO QUE A HISTÓRIA NUNCA ESQUECERÁ

ABRAHAM LINCOLN



POR CARLOS PAIVA RAPOSO

TEAM OF RIVALS
THE POLITICAL GENIUS OF ABRAHAM LINCOLN

DORIS KEARNS GOODWIN

Quando solicitado a escolher um livro para o fazer companhia numa ilha deserta, o Presidente Barack Obama não teve dúvidas e rapidamente se decidiu pelo livro escrito por Doris Kearns Goodwin, Equipa de Rivais, sobre a vida e história do 16º, amplamente considerado como o melhor Presidente na história dos Estados Unidos. No passado mês, tive o prazer de o ler e de perceber o porquê de ser tão conceituado.

"Quando solicitado a escolher um livro para o fazer companhia numa ilha deserta, o Presidente Barack Obama não teve dúvidas e rapidamente se decidiu pelo livro escrito por Doris Kearns Goodwin, Equipa de Rivais (...)."

Os feitos de Abraham Lincoln falam por si: venceu a guerra civil que preservou a federação norte-americana e tornou possível a afirmação dos Estados Unidos como superpotência mundial, no século seguinte; pôs fim à escravatura nos Estados Unidos, o 'pecado original' na origem de um novo país, nascido com uma declaração que afirmava que 'todos os homens são criados iguais'; salvou os Estados Unidos e construiu as bases de um poderio militar que iria salvar a Europa por duas vezes no século seguinte, o mesmo poderio militar que assegura a nossa defesa desde então.

"Os feitos de Abraham Lincoln falam por si (...). "

Em menos de 800 páginas, Goodwin consegue resumir meio século de história norte-americana, desenhar um perfil biográfico de Lincoln e dos pesos pesados da sua Administração e fazer um estudo de liderança absolutamente cativante que levou Lincoln a atingir tanto sucesso.

O contexto histórico e político que antecedeu a guerra civil norte-americana é mais triste e revoltante do que é interessante. Goodwin faz um bom trabalho ao relembrar que, para quatro milhões de pessoas, o que estava em causa não era uma disputa política ou partidária, mas sim as suas mais elementares liberdades. Sem desvalorizar a luta pelo fim da escravatura ou a história da guerra civil norte-americana, irei focar-me mais no estudo da liderança de Abraham Lincoln.

"A vida é demasiado curta para nos desgastarmos com ressentimentos pessoais", dizia o 16º Presidente. Uma filosofia que o levou ao poder e que descrevia o seu estilo de liderança. Foi através desta grandeza de espírito que Lincoln conseguiu liderar o país durante o seu período mais difícil. O seu Governo era composto pelos seus antigos rivais (daí o nome do livro), tanto na sua anterior vida profissional como na sua atividade política. A sua capacidade de ultrapassar disputas antigas permitiu que conseguisse estar rodeado pelos políticos mais capazes do seu país, todos a trabalhar em conjunto e a remar para o mesmo lado.

A sua liderança deu força ao seu Governo e ao exército que comandava, nos momentos mais difíceis que atravessaram. Tinha a capacidade de perceber as suas batalhas num contexto histórico que muito ultrapassava a realidade dos seus tempos, sabia claramente que estava do lado certo da história e usou essa convicção para dar ânimo às suas tropas e de levar os federais até à vitória.

Era, também, um político muito à frente do seu tempo, compreendia a influência da comunicação social na formação da opinião pública e sabia usá-la a seu proveito. Quem ler o livro rapidamente perceberá que era um Presidente moderno, porventura, o primeiro.

"Era, também, um político muito à frente do seu tempo (...). Quem ler o livro rapidamente perceberá que era um Presidente moderno, porventura, o primeiro."

Os seus dois discursos mais marcantes - o discurso de Gettysburg e o discurso da sua segunda inauguração - ambos imortalizados no memorial de Lincoln, em Washington, DC, retratam na perfeição a sua compreensão da importância da experiência democrática dos Estados Unidos pela causa da liberdade e da democracia. Em Gettysburg, declarou: "cumpre-nos a nós, os presentes, dedicarmo-nos à importante tarefa que temos pela frente — que estes mortos veneráveis nos inspirem a uma maior devoção à causa pela qual deram a última medida transbordante de devoção — que todos nós aqui presentes solenemente admitamos que esses homens não morreram em vão, que esta Nação, com a graça de Deus, renasça na liberdade, e que o governo do povo, pelo povo e para o povo não desapareça da face da Terra."

Dale Carnegie, mestre do comportamento humano mais conhecido pela publicação da sua obra-prima - Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas - tinha um assumido fascínio pelo 16º Presidente, tendo inclusive escrito uma biografia de Lincoln para descrever o seu estilo de liderança. Lincoln foi a personificação de alguém que sabia fazer amigos e influenciar e liderar pessoas. Morreu rodeado pelos seus amigos e membros da sua administração. Quando finalmente partiu, Edwin Stanton, Secretário da Guerra de Lincoln, afirmou "agora ele pertence à história." Lincoln usou as suas qualidades humanas e políticas para lutar pela liberdade, a história nunca o esquecerá.

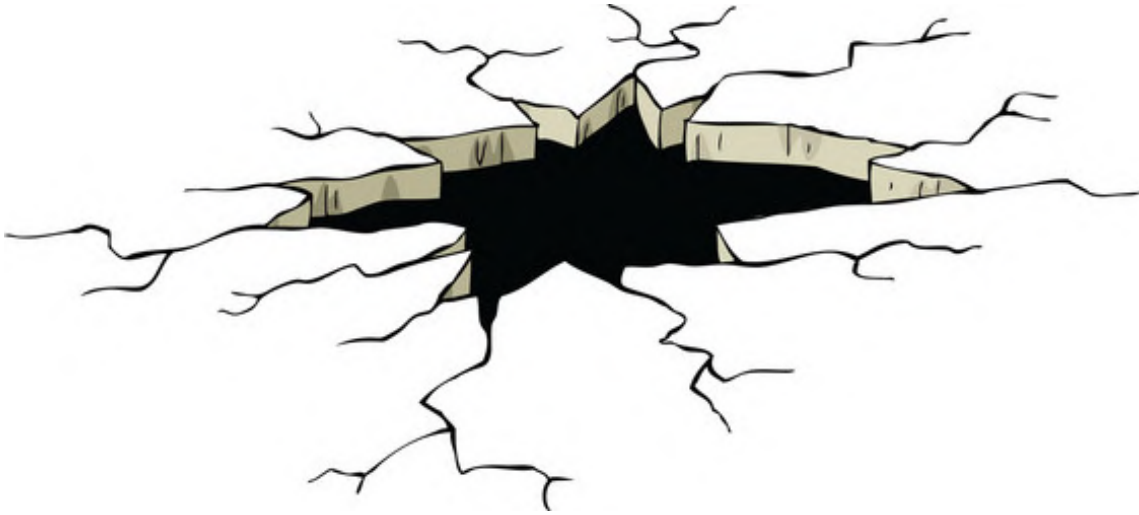
"Lincoln usou as suas qualidades humanas e políticas para lutar pela liberdade, a história nunca o esquecerá."

Carlos Paiva Raposo

Aluno de Mestrado do Instituto de Estudos Políticos
(Católica em Lisboa)

HOW DEMOCRACIES DIE
WHAT HISTORY REVEALS ABOUT OUR FUTURE

STEVEN LEVITSKY AND DANIEL ZIBLATT



DEMOCRACIA EM CRISE:
PORTUGAL À BEIRA DO ABISMO POLÍTICO?

Em Portugal e na Europa, o panorama político está atualmente marcado por um tremendo desafio: a decadência da democracia. Apesar de considerada o melhor meio de governação, a democracia, como sistema político está a falhar, não só em Portugal, assim como pela Europa e pelo mundo. Ao invés do que se possa pensar, a democracia não é um dado adquirido e exige constante vigilância e valorização.

"Apesar de considerada o melhor meio de governação, a democracia, como sistema político está a falhar (...). (...) a democracia não é um dado adquirido e exige constante vigilância e valorização."

Ora, se é amplamente considerado no mundo ocidental o sistema político ideal, por que motivos se encontra em decadência?

"(...) se é amplamente considerado no mundo ocidental o sistema político ideal, por que motivos se encontra em decadência?"

Esta questão deve ser refletida não só por políticos, mas por todos aqueles que têm o direito e o dever de voto. Pois todos contribuem para este facto inegável.

Hoje a democracia é um direito e a cada direito está subjacente um dever, sendo que neste caso o nosso dever é o de a defender, porque é uma herança vulnerável e caso não seja estimada pode se esvanecer na memória de quem outrora foi livre.

"(...) a democracia é um direito e a cada direito está subjacente um dever, sendo que neste caso o nosso dever é o de a defender (...)."

Na última década, a política em Portugal enfrentou vários desafios e, na maior parte dos casos os maiores lesados foram os portugueses, circunstância que os tem conduzido a desacreditarem cada vez mais nas instituições políticas e públicas.

Este fator, de descredibilização das instituições políticas, por parte dos cidadãos, é um dos principais sintomas da contínua erosão da nossa democracia. Sucessivos casos, dos mais recentes governos têm criado cada vez mais um sentimento de progressivo afastamento e quase repulsa pela política e pelos seus representantes em Portugal. Esta repulsa tem-se traduzido numa incessante e crescente abstenção de voto.

"Este fator, de descredibilização das instituições políticas, por parte dos cidadãos, é um dos principais sintomas da contínua erosão da nossa democracia. (...) Esta repulsa tem-se traduzido numa incessante e crescente abstenção de voto."

Num tempo moderno em que os modelos de gestão política têm encontrado tão surpreendentes quanto improváveis soluções governativas construídas a partir da formação de "engenhosos" puzzles de arquitetura política, em que se conseguem encaixar linhas de pensamento político com pontos de clivagem e divergência total, modelos baseados em coligações pós-eleições que minam a confiança nos partidos e nos políticos.

Algumas maiorias absolutas têm sido também um fator contribuinte para a decadência da democracia. Maioria absoluta não pode ser motivo para repousar à sombra do poder político, mas

sim uma oportunidade de recriação, de implementação de políticas públicas positivas que, embora sustentadas fundamentalmente nos princípios e na ideologia do governo e respetiva maioria parlamentar de suporte, é sempre desejável que, em áreas críticas e fundamentais da governação, se procurem negociar e alcançar consensos mais alargados.

A experiência em curso da democracia em Portugal tem de servir como um contundente conto de advertência não apenas para a Europa, mas para todas as sociedades democráticas no geral. A erosão da democracia, uma vez posta em movimento, revela-se profundamente árdua de reverter.

O conformismo e a inércia levam à demência, a demência por sua vez traz o esquecimento e quem esquece a sua própria história arrisca-se a repeti-la.

"O conformismo e a inércia levam à demência, a demência por sua vez traz o esquecimento e quem esquece a sua própria história arrisca-se a repeti-la."

"Uma sociedade cresce quando os velhos plantam árvores em cuja sombra sabem que nunca se sentarão". Portugal precisa de figuras no leme que, sem perder de vista os desafios e exigências do presente, reflitam e idealizem mais além para o futuro, com este tipo de raciocínio altruísta e de olhos postos nas gerações futuras. Pois é agora, no presente, que temos de fazer por merecer um futuro que nos pertence por direito, mas que não é garantido.

Henrique Quaresma

Aluno de Mestrado da Católica Lisbon School of Business and Economics
(Católica em Lisboa)

D.

OS DESAFIOS DAS CIDADES

No atual contexto de globalização, as fronteiras perdem o seu sentido. A distância parece perder importância e o tempo ganha outra dimensão. Os cidadãos de diferentes países e regiões estão cada vez mais conectados entre si, e as cidades entram em competição umas com as outras. Há uma escala global para atração de investimentos, pessoas, turistas, estudantes, eventos e tecnologia. Verifica-se um acréscimo do número de pessoas que utilizam os serviços das cidades. Surgem novos consumidores e utilizadores para além dos residentes. A livre circulação de pessoas, capitais e mercadorias propicia muitas oportunidades, mas também, algumas ameaças causadas pela difusão dos problemas económicos, sociais e de segurança. São disso exemplo a atual crise económica e financeira em consequência da guerra na Ucrânia, a epidemia da COVID 19, as crescentes crises de refugiados e migrantes, as alterações climáticas e o significativo aumento dos custos da habitação.

"A distância parece perder importância e o tempo ganha outra dimensão. Os cidadãos de diferentes países e regiões estão cada vez mais conectados entre si, e as cidades entram em competição umas com as outras."

Estas tendências, fazem emergir novos desafios sociais e políticos, para os quais são necessárias novas políticas integradas de desenvolvimento sustentável, impulsionadoras de mudanças ao nível da mobilidade e energia, ambiente e alterações climáticas, integração e serviços sociais, digitalização e novas tecnologias.

D.

Nas últimas décadas, as políticas territoriais contribuíram para responder aos desafios da globalização, do desenvolvimento sustentável e do emergir das cidades. Assistimos, gradualmente, a importantes transformações ao nível da estrutura das administrações locais, regionais e nacionais, bem como das relações entre os sectores público e privado. É ao nível das novas formas de governação local, que se observa uma maior dimensão cívica e estratégica, no que respeita ao planeamento e gestão do território: a descentralização e desconcentração de poderes, e os decorrentes princípios da cidadania, subsidiariedade e da democracia representativa e participativa, isto é, a participação dos cidadãos nas decisões que lhes dizem respeito, numa relação de maior proximidade e responsabilidade.

Contudo, apesar das diferenças, as cidades enfrentam uma série de desafios comuns ao nível da sustentabilidade, da qualidade de vida, dos problemas sociais, ambientais e de segurança, da transformação digital e do planeamento urbano. O aumento das atribuições e competências das autarquias, resultantes não só da globalização, mas também dos processos de descentralização em curso, em diversos países, acarreta um acréscimo de responsabilidades para as cidades. A exigência crescente dos munícipes e as novas áreas de atuação, exercem uma pressão sobre as despesas públicas que obrigam as cidades a serem mais imaginativas para a obtenção de recursos, o estabelecimento de parcerias, o trabalho em rede, bem como, a criação de novos patamares de resolução de problemas.

"(...) as cidades enfrentam uma série de desafios comuns ao nível da sustentabilidade, da qualidade de vida, dos problemas sociais, ambientais e de segurança, da transformação digital e do planeamento urbano."

No futuro, as cidades vão assumir um papel cada vez mais relevante de concentração de pessoas, do poder económico e político, destacando-se como polos catalisadores e difusores de conhecimento, criatividade e inovação. Cada cidade deverá ter a sua política e a sua estratégia de afirmação, procurando uma liderança forte para construir a sua visão e missão, definir os seus objetivos estratégicos e criar uma marca de confiança para se diferenciar, destacar e posicionar com o objetivo de mobilizar os atores locais e tornar-se um polo de atração para residentes, investidores, visitantes e estudantes, para, assim, poder ter êxito no atual contexto de competição global.

Neste contexto, as cidades devem pensar estrategicamente, para fazerem face à dinâmica e às mudanças da envolvente, aos movimentos migratórios, à evolução tecnológica, ao aumento do nível de concorrência, e à competitividade dos mercados e dos territórios.

António Guilherme de Almeida

Deputado à AR pelo PSD

OS DIAS DIFÍCEIS DO JORNALISMO

por Leonor Ferreira

Nos tempos atuais é cada vez mais visível o desinteresse dos jovens pelos meios de comunicação social tradicionais como a rádio, imprensa e televisão. A rápida evolução da tecnologia e as novas formas de consumo de informação contribuíram para a crescente desconexão que pode ser atribuída a vários fatores: A Preferência por Plataformas Digitais uma vez que oferecem acesso rápido e personalizado à informação. Desconfiança na Imparcialidade com a perceção de que os OCS estão ligados a interesses políticos e económicos. Falta de Relevância das notícias tradicionais que não abordam questões que são mais relevantes para os jovens.

"A rápida evolução da tecnologia e as novas formas de consumo de informação contribuíram para a crescente desconexão que pode ser atribuída a vários fatores (...)."

Ao desinteresse pelos meios de comunicação social tradicionais junta-se a Desinformação.

O combate às fake news exige uma abordagem multifacetada: Apostar na literacia mediática inserindo-a nos currículos para que os jovens adquiram capacidade crítica para analisar, avaliar e verificar informações.

Promover Fontes Confiáveis: Os OCS devem adotar práticas jornalísticas éticas e transparentes que aumentem a sua credibilidade.

D.

Uma sociedade de informação plural e madura exige cidadãos que saibam avaliar criticamente as informações que encontram online, que façam a verificação de fontes, conheçam os interesses entre os média e as várias formas de poder e compreendam as técnicas de manipulação de informações.

Do lado dos OCS digitais e plataformas de Média social é importante assegurar a Transparência, a Responsabilidade e tomar medidas para responsabilizar os disseminadores de desinformação. É uma luta que deve envolver governos, com a aprovação de legislação para a combater, a realização de campanhas para informar o público sobre os seus perigos e como evitá-la e deve também contar com a colaboração de empresas de tecnologia, sociedade civil e Universidades.

Promover um jornalismo de qualidade é essencial para manter a sua sustentabilidade económica. A compra de jornais ou a subscrição de sites online de rádio, televisão e imprensa devem ser encaradas como atos de cidadania essenciais para a manutenção de uma sociedade democrática. O jornalismo enfrenta estes desafios (e outros de cariz laboral), mas não vai necessariamente "morrer" por causa deles. Tem de adaptar-se e descobrir novos caminhos. Será também assim com o impacto da Inteligência Artificial neste setor.

"Promover um jornalismo de qualidade é essencial para manter a sua sustentabilidade económica."

A IA permite a transcrição de entrevistas, a análise de dados, a identificação de tendências, a verificação de factos e a redação de notícias simples dando aos jornalistas margem para tarefas mais criativas, analíticas e para o jornalismo de investigação. Esta contribuição positiva pode, no entanto ser transformada em algo negativo se for usada para substituir os profissionais.

Por si só, a IA não matará o Jornalismo. Tudo dependerá de como a vamos usar.

Nota: Este texto é construído com base nas respostas dadas pelo ChatGPT às minhas perguntas. É um exercício simples de análise sobre três desafios do Jornalismo. Dois deles estão a ser combatidos. Quanto à IA encaro-a, para já, como uma eventual aliada. Afinal de contas o código binário ainda não consegue ir ao terreno, ver, ouvir, cheirar, chorar, rir e contar o mundo. Esse é um privilégio desta profissão. Há futuro e isso é uma boa notícia.

Leonor Ferreira

Jornalista da TSF e Assistente Convidada da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (Católica em Braga)

D.

Catarina Andrade
Diretora Nacional do Diurna.

UMA AVENTURA

COM
ANA MARIA MAGALHÃES
ISABEL ALÇADA

D.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada conheceram-se em 1976, na escola em que ambas davam aulas. Desafiaram-se para um café e para trabalharem juntas e desde 1982 que são conhecidas como as Autoras da coleção Uma Aventura.

Conversaram comigo na sala onde ainda hoje escrevem os livros à mão. Contaram-me de onde é que nasce a imaginação, como se mantém vivo o conhecimento da alma infantil e o segredo para incentivar a leitura das grandes obras literárias. Num fim de tarde de verão, tive a honra de ser parte numa conversa agradável, com muito sentido de humor, estimulante como tudo o que escrevem e leve como tão bem as caracteriza.

Os livros de Uma Aventura vão ter sempre finais felizes?
Sempre, senão não era uma aventura, era uma tragédia.

Tendo em conta que a coleção Uma Aventura já tem 40 anos e que o primeiro livro foi publicado em 1982, diriam que em 2023 a Teresa, a Luísa, o Pedro, o Chico e o João são os jovens de ontem ou os jovens de hoje?

Ana: São os jovens de hoje.

Isabel: São os de hoje.

Ana: Cada livro é como se fosse único, por isso é que eles não crescem. Num livro escrito em 2022 para sair em 2023, como foi este último, são os jovens de hoje que vivem o mundo de hoje tal como ele é - com a linguagem atual, os computadores, o telemóvel, os problemas atuais, etc. Em 1982, o mundo era completamente diferente e o primeiro livro reflete isso.

É curioso os jovens da nossa geração terem também sido os jovens da geração dos nossos pais.

Isabel: Embora tenham sido sempre os jovens do momento em que estávamos a escrever, há uma coisa que, do nosso ponto de vista, não mudou: os valores são aqueles que nós achamos que os jovens devem ter. Não contemporizamos com parvoíces da época, com uma má utilização do que possa surgir. As nossas personagens têm sempre os comportamentos que nós gostamos de inspirar, porque, embora o primeiro objetivo dos nossos livros seja que gostem de ler, a verdade é que estão sempre presentes questões e situações relacionadas com princípios e valores.

"As nossas personagens têm sempre os comportamentos que nós gostamos de inspirar."

Claro que os valores de hoje são os mesmos valores de há 40 anos.

Isabel: São os mesmos de há 40 anos e de há 100 anos. Nós lemos os romances do Séc. XIX e há valores que muitas vezes são questionados, mas não deixam de ser valores que ainda hoje reconhecemos. A ética é uma área da filosofia que se mantém. As pessoas andam sempre à procura da melhor formulação, mas intimamente, em consciência, sabem distinguir o bem do mal.

Ana: Os valores são os mesmos, os sentimentos também. É assim há milénios - o que é o amor, a amizade, a raiva, a inveja, etc. Nada disso muda. O que muda, por vezes, é a maneira de comunicar. Por vezes temos ideia de que os comportamentos mudaram e de que mudaram para muito pior. Mas as JMJ provam o contrário, mostram que as pessoas continuam a saber comportar-se. Estiveram cá um milhão de jovens e não houve conflitos.

Isabel: Como professoras conhecemos bem o efeito dos grupos no comportamento individual e nas JMJ mais de um milhão de pessoas partilharam sentimentos positivos. Foi absolutamente avassalador e em torno de uma figura que é um ser humano, mas ultrapassa aquilo que nós achamos que é humano. O Papa toca-nos com a sua atitude e isso acaba por ser transmitido aos grupos e os grupos transmitem entre si, irradia. Foi mais de um milhão de pessoas a irradiar sentimentos positivos.

Ana: Quando se fazem filmes, séries ou livros a sancionar coisas negativas, faz-se um péssimo serviço, porque as pessoas sentem que isto é a onda e que é por aí que vamos. Não se deve fazer isso nunca (só por ser moderno, porque vende, ou porque tem audiência). É contra os nossos princípios lucrar a fazer mal a muita gente e a prejudicar o mundo inteiro.

"É contra os nossos princípios lucrar a fazer mal a muita gente e a prejudicar o mundo inteiro."

Não faz sentido incentivar determinados comportamentos.

Ana: Não faz sentido.

D.

Isabel: Nós assumimos que temos uma função educativa e que queremos influenciar positivamente. Há sempre um risco de que, mesmo que com boa vontade e boa intenção, autores e criadores, que julgam estar a chamar à atenção para aquilo que é negativo, o estejam a legitimar e estimular. Eu não sou nada apologista do politicamente correto – considero que as pessoas devem ser livres de falar e dizer a verdade -, mas quando nos dirigimos aos mais novos há que pensar. No desenvolvimento do ser humano há etapas e as pessoas devem subir etapas e não descer. Nós temos um princípio que é muito simples e básico: em caso de dúvida sobre o efeito do que fazemos, preferimos abster-nos.

"Nós temos um princípio que é muito simples e básico: em caso de dúvida sobre o efeito do que fazemos, preferimos abster-nos."

Como é que se escreve um livro a duas mãos? Como é que se começa e como é que se acaba? Ainda escrevem à mão?

Ana: Nós trabalhámos como professoras durante quatro anos, sem publicar nada - a preparar aulas, a preparar visitas de estudo, a fazer atas de reuniões. Nessas atividades, habituámo-nos a pôr as ideias em comum e escrevê-las. Os nossos livros são escritos à mão (geralmente sou eu que escrevo, porque tenho melhor letra, mas posso passar a caneta a Isabel). É o ideal. Vamos falando à medida que escrevemos. Não é fácil escrever um livro a duas mãos, mas é um livro que é escrito em constante diálogo - a melhor frase fica, o melhor adjetivo fica, etc.. Ainda há de chegar o dia em que havemos de fazer uma demonstração pública.

Ontem estivemos em Santa Maria da Feira, onde se vai passar o próximo livro de Uma Aventura. Fomos as duas. Fomos juntas para vermos as mesmas coisas ao mesmo tempo, para ficarmos com ideias que se possam conjugar. Se fosse cada uma num dia, provavelmente as ideias divergiam em vez de convergirem e temos de saber fazer um plano e aceitar as ideias uma da outra. Se eu tiver uma ideia e a ideia da Isabel for melhor do que a minha, fica a dela; se a minha for melhor, fica a minha. Não rivalizamos.

É preciso que as pessoas se deem muito bem para que isso seja possível.

Ana: É preciso que se deem muito bem e que nunca entrem em conflito. Quando uma equipa entra em competição dentro da própria equipa, deixa de haver equipa.

Isabel: Tem de se ter capacidade de ouvir. Imagine que eu digo à Ana uma coisa a que acho piada e que a Ana não adere automaticamente. Com o desenvolvimento percebemos melhor a ideia e se inicialmente podia não ser muito interessante, torna-se interessantíssima, porque foi desenvolvida. Esse tempo de nos ouvirmos uma à outra é muito importante no nosso trabalho e dá-nos segurança.

Onde é que se encontra essa inspiração para escrever um livro para crianças? É nos filhos, nos netos e nos alunos? Ou é na criança que ainda existe dentro de nós?

Isabel: Está muito bem visto. É tudo isso.

Ana: Eu comecei a inventar histórias para crianças quando eu própria era uma criança, para entreter os meus irmãos mais novos. É uma coisa que nasce com a pessoa. Um escritor ou nasce escritor (mesmo que só um dia desenvolva esse talento), ou por muito que vá a cursos não consegue escrever livro nenhum. Tem de ter lá uma semente. Além disso, fomos professoras durante anos e anos de imensas crianças que riam às gargalhadas de coisas a que nós, adultos, já não achamos graça nenhuma - mantínhamos vivo o conhecimento da alma infantil. De vez em quando temos ideias que para um adulto são toscas, mas sabemos que vão ter um efeito nos mais novos.

"Um escritor ou nasce escritor (...), ou por muito que vá a cursos não consegue escrever livro nenhum. Tem de ter lá uma semente."

Isabel: Além disso, temos memória da infância. Eu também tive uma irmã mais nova a quem contava histórias, o meu pai também nos contava histórias e hoje lembrarmo-nos da alegria que sentíamos quando o ouvíamos. Nós fomos criando empatia com a diversidade de pessoas que fomos conhecendo ao longo da vida. Com os alunos, era um vaivém entre aquilo que nós víamos na prática e a relação que tínhamos com eles (os alunos são todos diferentes, nunca há um igual a outro, nunca, nunca, nunca). É a relação com a diversidade e a capacidade de ir lendo e atualizando o que a investigação científica nos oferece nesta área da educação. Mas não serve de nada tentar transferir as conclusões científicas para a prática de forma acrítica. Quando ensinamos a ciência não serve de nada se não for lida à luz da nossa experiência.

Ana: Outro ponto importante é que não é fácil pôr um aluno a dizer a verdade, porque o aluno acha sempre que está a ser avaliado e tenta responder o que acha que o professor quer ouvir. Tive muito trabalho a pedir "Dá-me a tua opinião.". Eles respondem "Quer saber o que eu penso?" "É mesmo isso que quer que eu diga?". Apercebo-me que muitas vezes dizem exatamente o contrário daquilo que pensam e que sentem. Para chegar ao âmago é preciso criar uma situação de grande confiança.

Houve um truque que usei durante anos. Passeava-me pelos pavilhões nas horas do recreio a ouvir o que os alunos diziam entre si sem a presença de professores. Descobri coisas extraordinárias. Ouvia os professores encantados com o que tinham feito e depois ouvia os alunos a dizerem "aquilo foi uma chatice, mas pronto, coitada da professora, ficou contente por termos dito que gostámos". Os equívocos entre adultos e crianças são muito grandes e é muito complicado desmontá-los, mas foi sempre uma preocupação nossa.

Além da imaginação de quem escreve, temos também a imaginação de quem lê. Neste caso, estamos a falar de um público-alvo com uma tenra idade e com uma enorme capacidade de imaginação. Esta imaginação das crianças é um desafio acrescido ou um benefício?

Ana: É um benefício.

Só uma parte do que o leitor lê é que são as palavras de quem escreve.

Ana: Sim. Eu acho que isso acontece com as crianças e com os adultos. Se nós lermos o grande romance Os Maias, se calhar o Carlos da Maia para si é uma pessoa e para mim é outra.

Isabel: Sem dúvida, nem sabemos se para si é moreno ou aloirado.

Ana: Por acaso acho que é moreno, se queres saber.

Isabel: Para mim é aloirado.

Além disso, às vezes dizemos que as crianças têm muita imaginação e depende da criança. Há umas que têm imensa, outras não têm nenhuma. Tive alunos que me diziam que não liam histórias que não fossem verdadeiras, porque não queriam ler mentiras. Eu dizia que não eram mentiras, que eram invenções, mas eles respondiam que não queriam invenções, que queriam histórias reais. Uns querem quadrados, outros querem estrelas com mil pontas.

Agora, claro que na leitura o nosso cérebro constrói sempre uma parte da realidade e isso tem um ponto positivo quando o cérebro do leitor tem muita capacidade de imaginar, mas também pode ser um problema. Quando as crianças não conhecem a realidade que está a ser apresentada, não conseguem perceber o que se está a narrar. Nós temos de ter o cuidado de lhes dar explicações que os coloquem a par do que estamos a descrever ou a contar, porque caso contrário estaremos a pôr de parte aqueles que não têm essa informação. Isto aconteceu, por exemplo, no livro Uma Aventura em Macau.

"Quando as crianças não conhecem a realidade que está a ser apresentada, não conseguem perceber o que se está a narrar."

A nossa viagem a Macau foi uma surpresa incrível, porque havia cartazes em chinês nas ruas, peixes a nadar em restaurantes dentro de sacos de plástico, etc. Aquela atmosfera era completamente diferente. Como é que nós levamos isso aos mais novos sem afugentar o leitor daquilo que está a ler? Isso foi uma preocupação e custou-nos.

Ana: Aconteceu o mesmo com a Amazónia. Quando uma pessoa lê é sempre preciso que forme uma imagem na sua cabeça - pode ser a minha, a da Isabel ou a da senhora leitora, mas têm que imaginar alguma coisa, senão a leitura torna-se um frete impossível. Se a pessoa não consegue visualizar nada, é inútil ler.

"Quando uma pessoa lê é sempre preciso que forme uma imagem na sua cabeça - pode ser a minha, a da Isabel ou a da senhora leitora, mas têm que imaginar alguma coisa, senão a leitura torna-se um frete impossível."

Isabel: É preciso visualizar uma narrativa. Isto não são livros de ideias, são livros em que há ação, acontecimentos, personagens, ambientes, cheiros, calor, frio, etc.. Tudo tem de ser imaginável.

A leitura leva-nos a outros lugares, mas é mais difícil imaginarmos esses lugares quando nunca estivemos lá.

Isabel: Exatamente. Às vezes as pessoas pensam que os mais novos vão com certeza achar que isto é tudo surpreendente, mas isso só acontece se eles conseguirem lá entrar, porque se ficarem à porta deixa de ser surpreendente e passa a ser inacessível.

Ana: Quando eu era mais nova, eu e os meus irmãos liamos imensas histórias de cowboys. Nós vivíamos em Lisboa, que não tem qualquer semelhança ao faroeste do Séc. XIX e não tínhamos dificuldade nenhuma em imaginar os cowboys a cavalo, os tiros, os índios, etc. Assim como havia inúmeras histórias de neve (o Boneco de Neve, por exemplo, que era uma das minhas histórias preferidas). Nunca tinha visto neve, porque não neva em Lisboa. Eu gostava destas histórias certamente pela maneira como estavam contadas e pelas imagens que criavam.

Isabel: É a imagem, exatamente. Eram sugestivas, muito figurativas. Eu lembro-me de quando fui a primeira vez a uma floresta, na Bélgica. Era uma floresta com árvores enormes, com copas gigantes, e eu pensei "Ah! Esta é a floresta da Branca de Neve!". Eu achava que estava na verdadeira floresta das histórias, que nunca tinha visto até então, mas que conseguia imaginar. Nós conhecemos algumas florestas de pinheiros e sobreiros, mas não são bem florestas. As do Norte são mais densas, as do Sul são mais dispersas, mas não são como noutros locais. Então as da Amazónia...

A Amazónia e muitos dos destinos das viagens que fizeram são também os destinos dos vários volumes de Uma Aventura. Foram a Macau, aos Açores, à Madeira, França, Timor, São Tomé e Príncipe, etc. São as viagens que dão a ideia ao livro, ou foi a escrita que abriu portas às viagens?

Ana: As viagens abrem bastantes portas. Quando fomos ao deserto do Saara, tínhamos ideias que quando chegámos tivemos de pôr de parte, porque nada do que tínhamos pensado encaixava. O mesmo aconteceu ontem, em Santa Maria da Feira.

Isabel: Até tínhamos visto filmes sobre a Viagem Medieval, mas...

Ana: É tudo completamente diferente. É como se houvesse coisas invisíveis que a pessoa respira e de que se apodera, não é? E é então que de repente vêm as ideias apropriadas àquele ambiente. Isto em todos os sítios, mesmo nos banais. A Madeira é uma terra portuguesa que já tinha visto como turista, mas quando fui lá para ver com olhos de aventura foi completamente diferente.

Isabel: Há locais que nós conhecemos e que achamos que vale a pena tomar como ambiente de aventura, mas mesmo assim vamos lá para os ver. Até em Lisboa, que é onde nós vivemos!

"Há locais que nós conhecemos (...), mas mesmo assim vamos lá para os ver. Até em Lisboa (...)!"

Ana: Há uma história engraçada de quando fizemos Uma Aventura em Lisboa. Quando chegámos ao capítulo da Torre de Belém, que ambas conhecemos muito bem, estava a chover e pensámos que não valia a pena lá ir. Só que não estávamos a conseguir escrever, por isso metemo-nos no carro para ir lá admirar. Quando chegámos não estava lá ninguém, por causa do mau tempo. Eu

disse à Isabel "olha, esconde-te aí para ver se isso dá um esconderijo, ou se se fica a ver alguma ponta da tua roupa". À saída, o segurança, que tinha estado a ver tudo nas televisões, estava a olhar para nós a pensar "olha estas duas senhoras de meia-idade que vieram num dia de chuva jogar às escondidas para a Torre de Belém, quando já tinham era idade para ter juízo". Nós não dissemos nada e fartámo-nos de rir, mas quando o livro foi publicado fomos lá oferecer-lhe um exemplar.

Ontem, em Santa Maria da Feira, também foi engraçado, porque fomos à Viagem Medieval. No restaurante em que almoçámos o barulho parecia medieval - estavam uns homens à mesa a rir e a fazer barulho e eu só pensava "isto é uma perfeita taberna medieval, não é?".

Isabel: Também achei! Era tudo servido em barro e as mesas tinham bancos corridos. Eles tentam reconstruir uma atmosfera medieval. Ao nosso lado estava uma mesa só de homens e nós imaginamos facilmente os homens da idade média que se juntavam a comer à volta de uma mesa.

Pessoalmente, têm algum livro preferido na coleção?

Ana: Eu gosto de todos, mas há um que é autobiográfico: Uma Aventura nas Férias de Natal. Passa-se na quinta dos meus avós, com muitas peripécias que eu vivi em criança, com os meus irmãos e os meus primos. Há um tesouro, que eu nunca encontrei, mas, para nós, o tesouro foi termos estado lá à procura dos tesouros. Gosto muito de todos, mas este é especial. Eu sou muito afetuosa, estou profundamente ligada a todos os livros que escrevemos.

Isabel: Eu gosto muito de todos também. Estou sempre entusiasmada com o último, com aquele que estamos a começar, a preparar. Também há um a que me sinto particularmente ligada, pelo mesmo motivo, que é Uma Aventura no Bosque, passado em Sintra. Quando eu era pequena, houve aqui um incêndio horrível. Foi um choque.

É engraçado que os livros preferidos de ambas são baseados nas próprias infâncias.

Ana: Já não sei quem é que disse, mas é verdade: "ninguém se livra da sua própria infância".

Isabel: Nós as duas tivemos uma infância fantástica, com pessoas protetoras.

Ana: Eu fui muito mimada, mas muito educada. Hoje em dia toda a gente dramatiza palmadas e eu fartei-me de levar palmadas. A minha mãe era uma grande educadora, mas também era muito companheira, muito querida e muito divertida. Proporcionou-nos uma infância maravilhosa. Para além disso, o facto de nos educar era um alívio. A ideia de que "deixar fazer tudo é ótimo"? Não, é péssimo! É péssimo para a criança que não sente a retaguarda.

A Enid Blyton representou para ambas, aquilo que a Ana Maria Magalhães e a Isabel Alçada representaram para mim e para as pessoas da minha geração?

Ana: Eu fui uma grande leitora da Enid Blyton. Aliás, da Enid Blyton, da Condessa de Ségur e outros autores, a maioria estrangeiros, porque havia muito pouca literatura infantil escrita por portugueses. Diverti-me muito com a Enid Blyton e com "Os Cinco".

Isabel: Antes a oferta não era como é agora e quem era leitor lia praticamente o mesmo. Havia também uma autora portuguesa, a Virginia de Castro e Almeida, que escreveu dois livros de viagens, que nós as duas lemos e de que gostámos muito.

Ana: A Enid Blyton inventou este esquema de um grupo de jovens numa aventura. Isto é a estrutura de todos os livros de aventura que se escrevem no mundo e quem a inventou foi ela. Há um mistério para desvendar e acaba tudo bem. Com esta estrutura podem-se fazer milhares de aventuras.

A Enid Blyton começa a fazer isto depois da Segunda Guerra Mundial e apanha aquele período em que os jovens ficaram mais autónomos, porque os pais foram para a guerra. As crianças ganharam uma autonomia que nunca tinham tido. Ela inventou este esquema e toda a gente que escreve aventuras juvenis tem de seguir este esquema: se não tiver mistério e perigo, não é uma aventura; se entrarem adultos, a aventura não é juvenil; se acabar mal, já não é uma aventura, é uma tragédia. Este esquema está inventado de vez e a ela se deve, sem dúvida.

"Este esquema está inventado de vez e a ela [à Enid Blyton] se deve, sem dúvida."

Os livros de Uma Aventura vão ter sempre finais felizes?

Ana: Sempre, senão não era uma aventura.

Isabel: Por vezes os leitores nas escolas perguntam-nos porque é que acabam sempre bem e é muito simples a resposta. Sabe qual é? Porque nós queremos!

E os leitores têm interesse na história mesmo sabendo que tudo acaba bem no fim.

Isabel: Sim, às vezes até têm mais interesse porque sabem que nós não os vamos desiludir, fazendo mal às personagens de quem eles são amigos.

Ana: É o mesmo sentimento de um adulto que lê um policial. Uma coisa que é agradável nos policiais é sabermos que no fim tudo corre bem, que o inocente é inocentado e que os criminosos são apanhados. Eles nem gostam muito de ser defraudados. Quando escrevemos Uma Aventura na Televisão, em que as gémeas vão a um concurso e ficam em segundo lugar, recebemos cartas de leitores furiosos, a dizer que deveriam ter ficado em primeiro. Nós pensámos que era um exagero ficarem em primeiro, mas eles queriam que elas ficassem em primeiro.

Qual é que é a sensação de ver um livro transformado numa série? O que é que se ganha? O que é que se perde?

Ana: Foi divertido, sobretudo. Não estragou. O cinema e a televisão potenciam sempre a leitura.

Isabel: Há filmes que são melhores ou piores do que os livros, mas, geralmente, o processo de ver o filme e depois querer ler o livro, ou de já ter lido o livro e depois querer ver o filme e a comparação entre ambos é uma coisa estimulante. Para nós foi muito bom. Até temos pena que não façam mais. Gostávamos de inspirar mais alguma coisa da produção cinematográfica.

Ana: É sempre preciso adaptar, sobretudo em Portugal. Em Inglaterra e na América, que têm muito dinheiro, fazem sempre como está no livro. Se, por exemplo, escrevemos que as gémeas foram para o casamento com os amigos e que estavam 500 pessoas, num filme têm de contratar e pagar a centenas de figurantes, o que fica muito caro. Pediram-nos para adaptar logo a primeira cena. No Uma Aventura na Biblioteca vão dois carros por uma ribanceira, um explode e as gémeas vão pelo ar. Os americanos fariam aquilo com uma perna às costas, mas aqui não é possível. Tiveram de inventar outro fim e nós compreendemos. Vemos isso com a Agatha Christie e os filmes do Poirot. Para fazerem a Morte no Nilo, levaram aquelas pessoas todas para o Cairo, contrataram atores de primeira água, outros do Norte de África, foram para umas escavações, etc. Aqui não há muito dinheiro, mas podem fazer-se coisas giras sem muito dinheiro.

D.

Por exemplo, com Uma Aventura na Escola, eu passei a noite toda na escola, porque prometi que se me deixassem filmar ficava lá com a equipa.

Isabel: A direção da nossa escola aceitou as filmagens, mas a Ana teve de se responsabilizar.

Ana: Só acabou às 6:30 da manhã, porque a cena foi repetida muitas vezes. Pararam para comer pizzas e eu estive a noite toda com eles. A certa altura estava tão estoirada que já nem sabia se os atores eram os atores ou os personagens do nosso livro, se eu estava a dormir ou se estava acordada a vê-los a dizer as frases que foram escritas por mim.

Há uns anos, as crianças liam muitas vezes livros por gosto, antes de os verem como uma obrigação. As distrações dos dias de hoje, como as novas tecnologias, afastam crianças e jovens dos livros. Diriam que a responsabilidade de se ser escritor foi maior na geração dos filhos, ou é agora, na geração dos netos?

Ana: É complicado. A televisão, os computadores e os jogos não foram um concorrente muito forte à leitura, porque há tempo para tudo. Agora, as redes sociais são efetivamente. Os pais e os professores têm de fazer alguma coisa. Só que impingir livros que as pessoas não gostam, ou obrigá-las a ler é o pior que se pode fazer.

Isabel: O importante é encorajar a escolha e conversar sobre o que se lê, mas não impingir, nem tornar a situação desagradável, porque se queremos que haja incentivo, tem de haver compreensão mútua. Muitas vezes dizemos aos pais que não vale a pena insistirem em coisas de que os filhos não gostam ou que não percebem, torna-se contraproducente, porque vão querer fazer outra coisa (e como há tanta coisa imediata, fácil e lúdica...).

Quando se aprende a gostar de ler com livros de que se gosta, até os livros obrigatórios se leem com gosto.

Ana: Pode chegar-se lá, mas é grave impingir. Uma coisa é promover o gosto pela leitura no 1.º, 2.º e 3.º ciclos; outra é estudar literatura. Naturalmente que estudar literatura é necessário - ler os grandes livros, dos grandes escritores portugueses -, mas como às vezes os alunos não gostam, leem os resumos. Eça de Queirós tem muitos livros. Se um dos livros dele não é adequado para um aluno ou turma, porque é que têm todos de ler o mesmo livro?

Era importante saber se os alunos que estudam um autor depois vão ler livros do mesmo autor livremente, porque se não forem é porque não gostaram. Quando eu digo isto as pessoas dizem que eu quero que leiam nas suas aulas os meus livros. Eu tenho muito gosto em que leiam os meus livros, mas se forem adequados, porque podem não ser. É preciso procurar o livro adequado. É assim que se encontra um caminho para as crianças um dia virem a apreciar as grandes obras literárias.

**"É preciso procurar o livro adequado.
É assim que se encontra um caminho para as crianças um dia virem a apreciar as grandes obras literárias."**

Isabel: Temos de ter consciência de que não se podem queimar etapas e isso muitas vezes acontece. Mas, porque é que não hão-de ler a Guerra e Paz com 10 anos? Também há esse equívoco.

Ana: Em Inglaterra há projetos em que, no fim do ano letivo, oferecem um livro a cada criança. Por exemplo, para a maioria dos rapazes eram biografias de futebolistas. Se gosta de futebol, se se interessa, vai ler nas férias porque quer. Se uma pessoa lê uma obra de Saramago e detesta, nunca mais vai sequer pensar em Saramago - prestou-se um péssimo serviço, quando Saramago tem tantos livros. Quem diz Saramago, diz Eça, ou outro autor qualquer.

"Se uma pessoa lê uma obra de Saramago e detesta, nunca mais vai sequer pensar em Saramago - prestou-se um péssimo serviço, quando Saramago tem tantos livros."

Como é que vai ser o mundo no dia em que não houver livros em papel?

Ana: Espero já cá não estar...

Isabel: Vamos ver se isso vai acontecer. Eu estou convencida de que não por uma razão muito simples: o livro em papel é extremamente agradável. Neste momento, há muita gente que lê só em digital. Muitas vezes quando se vira a página do ebook, parece que o livro se foi embora - nós temos uma sensação de maior apropriação do livro quando ele existe materialmente... mas, ler é ler e se gostarem de ler em digital está tudo bem, desde que leiam. A questão é a comunicação da mente com o texto, não é o suporte; mas realmente, o papel é um suporte muito simpático. Se for preciso o carregador e não houver eletricidade, como é que é? Um livro é seguro.

Ana: Com um livro, acendes uma vela e continuas a ler...

Isabel: ...ou usas um candeeiro de petróleo, como os antigos.

Ana: Há um laço de afeto com os livros de que uma pessoa gostou muito. Eu tenho livros ali guardados que li com oito anos... tenho-os guardados. Não tenho todos, porque não era possível, mas tenho um carinho especial pelos livros. Julgo que se não for em papel, isso desaparece, mas concordo com a Isabel, o que importa é a comunicação mental com a história.

Isabel: Hoje em dia há também culto do livro de artista e isso tem um suporte material. Há um caminho inverso ao da desmaterialização, que é a valorização do livro como obra de arte. O meu marido apareceu há dias com um livro, que a mãe lhe tinha dado e tinha guardado em qualquer estante e perdera-lhe o rasto. É a Selva, de Ferreira de Castro. Houve um entusiasmo cá em casa por vermos aquelas gravuras fantásticas, com magnificas ilustrações. Ele disse "este é um livro para se ter, não é só para ler, é para se ter".

D.

Na minha opinião, um mundo sem livros em papel será um mundo tão pobre como seria o mundo de hoje se em 1976 não se tivessem desafiado para um café, ou se em 1982, depois de terem ouvido três vezes que não, não tivessem tentado a quarta. Até esse dia chegar, onde é que a Teresa, a Luísa, o Pedro, o Chico e o João ainda têm de ir?

Ana: Não sei, mas já temos várias propostas. Vamos fazer este em Santa Maria da Feira e já nos surgiram propostas para outros lugares. Em Portugal ainda há muitos sítios interessantes onde ir.

Isabel: ...e no mundo.

Ana: ...e no mundo. Algumas viagens longas já não sou capaz de fazer, julgo eu.

Isabel: Ela diz sempre isto e depois acaba por ir...

Ana: Enquanto tivermos ideias, vamos continuar, não é Isabel?

Isabel: É, sem dúvida.

AMOR FATI

OU... COMO APRENDI A DEIXAR DE ME PREOCUPAR E A GOSTAR DA BIBLIOTECA

por Miguel do Carmo Mota

No Verão de 2016, rodeado da papelada de estudo da cadeira do dia, soube que queria ir para a academia. A vagueza desta frase reflecte a (pouca) complexidade da decisão; para lá da circunstância de (evidentemente) gostar muito de Direito, esta decisão parecia valer apenas por si só, numa circularidade que levaria sempre à resposta de "porque sim". Afinal, porque é que Zaratustra deixou a sua casa para ir para as montanhas? Porque é que Montaigne decidiu isolar-se na torre para escrever? Era uma prova cabal de que, como o outro sentenciou, somos livres para fazer o que queremos, mas não para querer o que queremos; também esta era uma motivação que se justificava a ela própria. Experimentei testá-la, revelando-a aos meus amigos, mas as diversas respostas, (espanto preocupado, perplexidade efusiva, uma ou outra risada), não variaram no conteúdo. "Academia? Mas só, sem nada mais prático? Vais estudar para sempre, então? Boa sorte!...", diziam miúdos e graúdos.

"(...) para lá da circunstância de (evidentemente) gostar muito de Direito, esta decisão parecia valer apenas por si só, numa circularidade que levaria sempre à resposta de "porque sim"."

Rir-me-ia mais tarde, quando todos descobrimos o que a "vida prática" implica verdadeiramente, mas naquele momento esta objeção parecia-me bastante válida. A possibilidade de "estudar para sempre" sem o engodo financeiro que os meus descrentes amigos iriam receber não parecia sustentar muito a minha decisão, mas reconheço que a rotina de estudo, quente e vagarosa naquele mês, não terá contribuído para que olhasse embevecido para a perspetiva de a perpetuar ainda mais. Por muito que buscasse um chamamento, o único naquele momento era o de uma almofada onde dormir durante três dias. Mas, enfim, nem depois do descanso de Verão eu conseguia explicar, prontamente, o porquê de eu querer a academia.

"(...) nem depois do descanso de Verão eu conseguia explicar, prontamente, o porquê de eu querer a academia."

Suponho que aqui fosse a parte em que eu diria que é algo como "a vontade de contribuir para o Saber", de "deixar algo para a perpetuidade", ou simplesmente o gosto pelo conhecimento que faz com se tenha esta vontade, uma qualquer justificação nobre e elevada para o que podia muito bem ser somente um devaneio fátuo.

Contudo, apesar de tudo isto certamente contribuir, lá no fundo, para me justificar, no fim também não era bem isso que o faria. Tal como não o fariam considerações pragmáticas ou utilitárias, tais como a flexibilidade de horários, viagens para auditórios aleatórios por esse mundo fora, o contacto com excentricidades várias, ou o apelo de uma cortina que se desvela para um sítio algo inacessível. Mas não, também não era isso – até seria bom que fosse, já que faria com que escrever este texto fosse mais fácil. Infelizmente (ou não), mesmo quando o Outono chegou, todos estes motivos passaram por mim como um rolo de fotografias, sem que alguma me revelasse alguma verdade mais profunda. Restava-me apenas querer o que queria, e fazer com isso o que quisesse.

"(...) mesmo quando o Outono chegou, todos estes motivos passaram por mim como um rolo de fotografias, sem que alguma me revelasse alguma verdade mais profunda. Restava-me apenas querer o que queria, e fazer com isso o que quisesse."

Hoje, os meus amigos já não reagem como descrevi acima; escutam as nuances que tenho para lhes dizer sobre o meu trabalho com um fascínio relutante. Até hoje, confesso, não sei dar a resposta eloquente e talvez panfletária que este texto pediria. Limitei-me apenas a seguir uma vontade que, para lá das imagens borradas do meu imaginário daquele Verão, me viria a mostrar tantas outras vivências cuja especificidade estava fora do alcance da minha cabeça na altura.

Confirmo que há auditórios de toda a ordem, que (por vezes para meu prejuízo) em última análise sou eu que tenho, em geral, a maior liberdade em definir o tempo dos meus dias, e que, de vez em quando, gostava ainda mais do conhecimento quando sentia que até estava a contribuir com algumas migalhinhas para o seu crescimento (apenas durante alguns segundos, antes de concluir que aquilo que eu tinha escrito, aquela conferência a que fui, aquela aula que tinha dado "não tinham sido isso tudo"). Foi um querer que me trouxe uma palete diversa de cores diferentes; não diferente de outras paletes de cores que outros quereres porventura me iriam trazer. Tal como não sei porque é que Zaratustra subiu a montanha, nem o porquê do Montaigne se ter isolado para escrever ensaios, também não sei porque é que, naquele Verão de 2016, queria seguir a carreira académica. O que eu sei é que se, como o Homem Perante a Lei de Kafka, me tivesse detido excessivamente a interrogar os motivos, as minudências, a essência daquele querer, o contexto ter-me-ia levado para longe dos sítios, das pessoas com quem me cruzei, e, na verdade, não estaria a escrever isto aqui. Daí que a única coisa que posso dizer de plena autoridade (vale o que vale) é que se, como eu, se encontrarem em mãos de um querer inescrutável que vos empurra para subir a montanha que é a vida académica, saibam que o caminho desse querer vos irá mostrar muitas coisas, algumas bonitas, outras menos, mas todas certamente únicas. Até porque, afinal de contas, não queremos o que queremos; será que isso não chega?

"O que eu sei é que se, como o Homem Perante a Lei de Kafka, me tivesse detido excessivamente a interrogar os motivos, as minudências, a essência daquele querer, o contexto ter-me-ia levado para longe dos sítios, das pessoas com quem me cruzei, e, na verdade, não estaria a escrever isto aqui."

Miguel do Carmo Mota

Assistente Convidado da Faculdade de Direito
(Católica em Lisboa)

HOMOS INTERNACIONALES E A "CARTA DE BRUGES"

A globalização, trabalho de Portugal no mundo, mostrou o valor de estabelecer redes, como resultado do conhecimento adquirido e promotor do desenvolvimento. Esta realidade serve como referencial para o que chamo *Homos Internacionales* e o papel das universidades.

O *Homos Internacionales* somos nós, somos toda a pessoa que existe no panorama social, político e económico global, cuja atividade afeta e é afetada pelo contexto internacional. As universidades são o instrumento e local, não exclusivo, onde se cria esse *Homos Internacionales*. Onde se potenciam talentos e se constrói formação e capacidades para sabermos viver com a diferença.

"As universidades são o instrumento e local, não exclusivo, onde se cria esse *Homos Internacionales*."

É inquestionável, e em muitos momentos desejável, que as decisões que tomamos sejam realizadas num contexto global. E entenda-se que global, que não é só internacional, mas também, significa principalmente diverso. E, por ser a diversidade o denominador comum, é uma atitude atenta às diferenças, e que, delas partindo, pretende chegar a uma plataforma aproveitada por todos. O olhar global, a internacionalização é, naturalmente, um conceito inclusivo. Assim, é curial que quem participa na tomada de decisão de carácter global, e foquemos agora na que é internacional, esteja informado e habilitado para bem decidir. Entra aqui a Universidade, também a "universidade da vida", que vai promover o processo de internacionalização, que vai formar e formatar o *Homos Internacionales*, que se deseja:

"(...) entenda-se que global, que não é só internacional, mas também, significa principalmente diverso."

D.

i. Com elevado valor intelectual e contacto com a diversidade de conhecimentos, metodologias e experiências culturais;

ii. Detentor de pensamento crítico, relevante para a tomada de decisão esclarecida;

iii. Possuidor de desenvolvimento intercultural. A interação com diferentes origens culturais e linguísticas desenvolve a capacidade de comunicação, de liderança e o trabalho em equipa. Estas competências são valorizadas no mercado de trabalho e fundamentais para a formação de cidadãos globais responsáveis e inclusivos;

iv. Preparado para contruir e abraçar a cooperação, através do estabelecimento de redes. As parcerias proporcionam intercâmbios de conhecimento, projetos de investigação e processos criativos conjuntos. Além disso, as ligações internacionais abrem portas a perfis de financiamento mais diversificados;

v. Promotor da investigação e da inovação para impulsionar o avanço tecnológico e o desenvolvimento social e económico.

Temos, assim, o *Homos Internacionales* como um produto natural da Universidade, também presente no "Internationalisation at Home": um "ir para fora cá dentro", para melhor preparar e aproveitar.

"(...) um "ir para fora cá dentro", para melhor preparar e aproveitar."

Na "Carta de Bruges", escrita por D. Pedro, Duque de Coimbra (1426) ao seu irmão, o príncipe herdeiro D. Duarte, é sugerido conhecer as realidades universitárias estrangeiras e estabelecer parcerias para garantir uma melhor capacidade instalada de formação, e tomada de decisão crítica. Bom roteiro.

Francisco Mendes-Palma
Diretor Global Engagement UCP

D.

ESTUDAR MELHOR

por Agostinho Guedes

Respondendo ao simpático convite do Jornal Diurna., pareceu-me adequado fazer algo útil para quem estuda, partilhando algumas das coisas que fui aprendendo (também com os estudantes) sobre um estudo eficaz e eficiente.

As sugestões que se seguem visam, em primeira linha, o(a)s aluno(a)s de Direito, mas admito que possam ser válidas para o estudo de quaisquer matérias.

Antes de mais nada, cada um deve fazer um esforço para entender o que resulta melhor, para si, em termos de estudo. Qual é a altura do dia em que sinto que o meu estudo rende mais? Qual o ambiente ideal para eu conseguir concentrar-me? Estudo melhor muitas horas seguidas ou preciso de fazer intervalos mais ou menos prolongados?

"(...) cada um deve fazer um esforço para entender o que resulta melhor, para si, em termos de estudo."

Dormir bem e ter uma alimentação adequada, a horas certas, ajudam o nosso cérebro a funcionar melhor. Numa situação de esforço cognitivo, o nosso cérebro consume mais glucose, pelo que devemos alimentar-nos adequadamente e evitar todo o tipo de estimulantes artificiais, como café ou bebidas energéticas, por exemplo. Ter uma atividade física (e/ou artística) também ajuda a descansar do estudo e favorece um sono reparador.

"Numa situação de esforço cognitivo, o nosso cérebro consume mais glucose, pelo que devemos alimentar-nos adequadamente e evitar todo o tipo de estimulantes artificiais (...)."

D.

Se em determinado momento sentirem que o estudo não está a render, apesar de um esforço sério nesse sentido, parem e façam outra coisa qualquer. Vão dormir, passear, sair com os amigos, ouvir música, ler outras coisas mais fáceis e/ou mais agradáveis, etc., e retornem ao estudo mais tarde ou no dia seguinte.

Outras sugestões importantes:

1. Assistir às aulas e tentar aprender o máximo possível logo na aula. É perfeitamente possível aprender a maior parte da matéria logo na aula.

2. Tentar revisitar a matéria pouco tempo depois das aulas (nos 2-3 dias seguintes); isso ajuda a consolidar o conhecimento obtido na aula.

3. Depois de revisitada a matéria, tentar usar o conhecimento adquirido, resolvendo casos práticos, respondendo a questões, estudando com colegas discutindo as dúvidas de cada um. Se tiverem um grupo de estudo, experimentem dividir os temas pelos membros do grupo para cada um dar uma pequena aula aos demais sobre cada tema.

4. Não estudar exclusivamente por apontamentos ou resumos (próprios ou alheios); podem usar estes elementos, mas sempre em conjunto com os textos recomendados pelos professores.

5. Um texto científico é uma forma de transmitir um conjunto de conhecimentos sobre certa matéria; assim, o objetivo da leitura é procurar conhecer e perceber as ideias que o autor pretende transmitir. Qual a forma mais eficiente de o fazer? Dividir a matéria em temas e estudar separadamente esses temas; fazer uma primeira leitura para identificar as perguntas ou questões a que o autor pretende dar resposta naquele texto; fazer uma segunda leitura para encontrar as respostas a essas questões. Regressar ao texto as vezes necessárias até tudo estar perfeitamente claro.

Trabalho, organização e disciplina. Com esta atitude é possível ter tempo para estudar e para ter uma vida para além do estudo.

Agostinho Guedes

Professor Associado da Faculdade de Direito
(Católica no Porto)

O PLANETA DAS EMOÇÕES

UMA BASE UNIVERSAL PARA A COMPLEXIDADE HUMANA

David Hume escreveu que "a razão, por si só, nunca pode ser um motivo para qualquer ação da vontade... A razão é, e deve ser, escrava das paixões, e nunca pode almejar a qualquer outro ofício que não servir e obedecer às mesmas". Infelizmente para os primeiros representantes do genus Homo, no dia em que "descobriram" a sua racionalidade, perceberam também que nem sempre estariam dispostos a compactuar com a mesma.

"Infelizmente para os primeiros representantes do genus Homo, no dia em que "descobriram" a sua racionalidade, perceberam também que nem sempre estariam dispostos a compactuar com a mesma."

As emoções fazem parte da natureza humana. Talvez seja essa a razão pela qual é difícil imaginar algum momento da nossa vida que não envolva um certo nível de emocionalidade. Esta bagagem emocional que carregamos a toda a hora molda a forma como percecionamos o mundo exterior e é capaz de transformar as tarefas mais simples nos desafios mais intrincados, enquanto nos protege e motiva durante os momentos mais difíceis da nossa vida. Se a existência de emoções aparenta ser consensual, a razão pela qual as mesmas existem surge como um tema fraturante na comunidade científica.

D.

"Esta bagagem emocional que carregamos a toda a hora molda a forma como percecionamos o mundo exterior e é capaz de transformar as tarefas mais simples nos desafios mais intrincados (...)."

A visão mais clássica, se assim quisermos chamar-lhe, pressupõe a existência de um conjunto restrito de emoções, que faz parte da própria natureza humana e que é, por essa mesma razão, universal. A cada uma dessas emoções "básicas" está associado um circuito neuronal específico, pré-existente no nosso cérebro, cuja atividade é desencadeada por algum evento do mundo exterior. Para os teóricos mais classicistas, como Ekman ou Tompkins, cada ser humano nasce com um *kit* de sobrevivência de emoções fundamentais, que o ajuda a gerir a sua relação com o que o rodeia.

"A visão mais clássica (...) pressupõe a existência de um conjunto restrito de emoções, que faz parte da própria natureza humana e que é, por essa mesma razão, universal."

No outro lado da contenda, surge a ideia de que o ser humano é de facto um participante ativo na construção das suas próprias emoções. Fechado na escuridão da sua caixa craniana, o único contacto que o cérebro tem com o mundo exterior é fruto do efeito das sensações que recebe, e não das causas das mesmas. De modo a permanecer funcional e útil, o cérebro precisa de um mecanismo capaz de automatizar e adequar a resposta à exigência da situação, tendo para tal que utilizar a única ferramenta que tem à sua disposição: a experiência passada. Para os autores construtivistas, o cérebro é uma máquina de fazer previsões, capaz de receber o input do mundo exterior, compará-lo com os acontecimentos anteriores, e adequar a sua resposta àquele que será o desenlace mais expectável. Sempre que o desfecho não corresponde à expectativa, o cérebro atualiza o seu mecanismo de previsão e aumenta o leque de respostas possíveis. As emoções são fruto dessas mesmas previsões. No início, encontram-se dispersas num espectro de valências positivas ou negativas, mais ou menos salientes, como uma mancha pouco definida que vai ficando cada vez mais focada à medida que a nossa experiência aumenta. Segundo este princípio, quando um recém-nascido entra em contacto com um estímulo aversivo, ao invés de medo, produz uma resposta emocional negativa mais generalizada que no futuro aprenderá a categorizar como medo, diferenciando-a assim de outras emoções negativas. O nosso cérebro não possui as emoções encrustadas nos seus circuitos neuronais, apenas os mecanismos necessários para responder de forma consistente ao mundo que o rodeia, com base naquilo que já experienciou.

"No outro lado da contenda, surge a ideia de que o ser humano é de facto um participante ativo na construção das suas próprias emoções."

D.

"De modo a permanecer funcional e útil, o cérebro precisa de um mecanismo capaz de automatizar e adequar a resposta à exigência da situação, tendo para tal que utilizar a única ferramenta que tem à sua disposição: a experiência passada."

A questão que persiste é, portanto: qual das teorias se adapta da melhor forma à realidade, e de que forma o faz? Se é verdade que parecemos ser capazes de identificar, de maneira relativamente simples, aqueles que são os protótipos das emoções mais "básicas", também é verdade que cada emoção possui um conjunto complexo de características, particulares para cada indivíduo. Quer isto dizer que, embora consigamos reconhecer, de forma aparentemente universal, a felicidade num determinado rosto, seria redutor restringir a felicidade a um conjunto de características "musculo-faciais" e circuitos neuronais pré-determinados à nascença. Muito provavelmente, nem toda a felicidade se traduz em bochechas levantadas e rugas pé-de-galinha no rosto, existindo mesmo inúmeras instâncias de felicidade para uma só pessoa, adaptáveis a cada situação. É possível que observar 1000 pessoas diferentes não chegue para concluir acerca de uma só emoção, mas talvez observar 1000 vezes uma só pessoa seja suficiente para descobrirmos o que ela sente e, acima de tudo, como é que ela o sente. E isso já é um começo.

"É possível que observar 1000 pessoas diferentes não chegue para concluir acerca de uma só emoção, mas talvez observar 1000 vezes uma só pessoa seja suficiente para descobrirmos o que ela sente (...)."

Rafael R. Ribeiro

Aluno de Doutoramento em Ciências da Cognição e da Linguagem
(Católica em Lisboa)

D.

TERAPÊUTICAS DIRIGIDAS NAS DOENÇAS DO SANGUE: O TIRO CERTEIRO

por António de Almeida

O desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas de biologia molecular ao longo dos últimos 100 anos foram cruciais para o melhor entendimento das causas de muitas doenças. Esta melhor compreensão das doenças não só permitiu um aumento do conhecimento como também o advento da medicina de precisão: a identificação da causa molecular das doenças permite estabelecer diagnósticos exatos, delinear fatores de prognóstico com maior precisão e identificar terapêuticas dirigidas conta os alvos motores das doenças.

"Esta melhor compreensão das doenças não só permitiu um aumento do conhecimento como também o advento da medicina de precisão (...)."

Muitas doenças hematológicas viram as suas terapêuticas revolucionadas por esta abordagem. Em vez de atacar todas as células que se dividem rapidamente, como a quimioterapia convencional, as terapêuticas dirigidas focam apenas nas células que apresentam um determinado alvo, frequentemente uma proteína ou recetor na superfície celular ou no interior da célula.

"Em vez de atacar todas as células que se dividem rapidamente, como a quimioterapia convencional, as terapêuticas dirigidas focam apenas nas células que apresentam um determinado alvo (...)."

Ao focar no que é específico e único nas células doentes, estas terapêuticas apresentam menos efeitos colaterais e uma maior eficácia no tratamento.

D.

Muitas neoplasias hemato-oncológicas, como leucemias, linfomas e mieloma, são causadas por mecanismos específicas que podem ser servir de alvos terapêuticos. Estes mecanismos podem ser mutações genéticas que promovem a divisão das células, desregulação de sistemas de controlo celular que impedem a morte celular e alterações das caraterísticas das células que permitem com que evadam a eliminação pelo sistema imunitário. Todos estes mecanismos podem servir de alvos para terapêuticas dirigidas:

1. Os inibidores de tirosina cinase são medicamentos que bloqueiam enzimas (tirosina cinases) envolvidas na ativação e regulação de muitos processos celulares, incluindo a divisão celular. O caso com maior sucesso verifica-se no tratamento da leucemia mielóide crónica (LMC), tratada com pequenas moléculas que se ligam e inativam o BCR-ABL. Esta abordagem terapêutica suplantou o transplante de medula óssea para doentes com LMC, conseguindo mesmo a normalização da esperança de vida para esta população.
Outro exemplo notável são os inibidores de cinase de Bruton na leucemia linfocítica crónica e outros linfomas. Apesar de ser mais recente, a eficácia é de tal forma marcada que estes agentes são utilizados como tratamento preferencial para este grupo de doenças.

2. Inibidores de proteossoma, usados no tratamento de mieloma múltiplo, revolucionaram a esperança de vida destes doentes. Estes agentes inibem a destruição de proteínas pela célula tumoral, resultando numa acumulação de proteínas degradadas no interior da célula que levam à sua morte.
Esta interferência com os mecanismos de regulação das células também foi explorada com os promotores de apoptose, ou morte celular programada. Alguns tumores aumentam a produção de inibidores da apoptose, tais como BCL-2, o que imortaliza as células. Inibidores do BCL-2 revertem este mecanismo e promovem a morte de células neoplásicas. Esta terapêutica alvo é atualmente utilizada com sucesso nas leucemias agudas e crónicas.

3. A ativação do sistema imunológico pode levar com que se gere uma reação imune contra células tumorais. Esta ação é promovida tanto por moléculas que tornam os tumores visíveis ao sistema imunitário como através da infusão de anticorpos e células dirigidos contra o tumor.

À medida que a genómica e a biologia molecular avançam, a expectativa é que cada vez mais alvos terapêuticos sejam identificados. Isso permitirá o desenvolvimento de novas terapêuticas dirigidas, mais específicas e eficazes.

"(...) a expectativa é que cada vez mais alvos terapêuticos sejam identificados. Isso permitirá o desenvolvimento de novas terapêuticas dirigidas, mais específicas e eficazes."

D.

Estas terapêuticas podem ser combinadas com outras modalidades de tratamento, como a quimioterapia ou a imunoterapia, tornando-as mais eficazes e permitindo a redução de doses, e consequentemente, de efeitos colaterais, de ambas modalidades.

"Estas terapêuticas podem ser combinadas com outras modalidades de tratamento, como a quimioterapia ou a imunoterapia, tornando-as mais eficazes e permitindo a redução de doses (...)."

As terapêuticas dirigidas representam um marco no tratamento das doenças hematológicas. Ao focar em alvos específicos, essas terapêuticas oferecem uma abordagem mais personalizada, dirigida contra as características moleculares e genéticas de cada paciente. À medida que a investigação avança, espera-se que estas terapêuticas se tornem ainda mais precisas, abrindo novos horizontes no combate às doenças do sangue.

António de Almeida

Diretor da Faculdade de Medicina
(Católica em Lisboa)

SOMOS AQUILO QUE COMEMOS

Breve reflexão sobre a possível renovação da aprovação do uso do glifosato na UE

Nas primeiras semanas de outono, a Comissão Europeia propôs uma extensão de dez anos do uso do glifosato (GS) na UE, visto a atual aprovação expirar no final do ano. O herbicida, *weed-killer*, mais usado tem como substância ativa o GS (RoundUpÒ, atualmente do grupo Bayer). Sendo não específico e acessível, pode ser aplicado em várias etapas do crescimento das culturas nos campos agrícolas bem como em áreas recreativas. O GS atua numa enzima do *shikimate pathway*, no qual as plantas obtêm os aminoácidos aromáticos como a fenilalanina, tirosina e triptofano. No entanto, além das plantas, os microrganismos do solo adaptam-se, desenvolvendo ou não, mecanismos de resistência, conduzindo a um desequilíbrio na microbiota do solo e consequente nas relações simbióticas com as plantas. Apesar de ser uma molécula estável, o GS pode ainda contaminar os recursos aquáticos envolventes e o ar pela erosão do solo aquando prática agrícola. Em termos de toxicidade, o GS foi considerado em 2015 como potencialmente carcinogénico pela IARC da OMS, além de haver estudos que indicam ser um disruptor endócrino.

"O herbicida, weed-killer, mais usado tem como substância ativa o GS (...). Sendo não específico e acessível, pode ser aplicado em várias etapas do crescimento das culturas nos campos agrícolas bem como em áreas recreativas."

Então, "porquê estender o uso negativo de uma substância tão controversa?" A verdade é que estes produtos possibilitam a agricultura convencional, caracterizada por ser rápida e barata, o que permite às classes sociais mais baixas obterem alimento. Contudo, os alimentos obtidos devem ser de qualidade e nutritivos e não com resíduos de glifosato, associado a efeitos nefastos à saúde.

"(...) os alimentos obtidos devem ser de qualidade e nutritivos e não com resíduos de glifosato, associado a efeitos nefastos à saúde."

Esta proposta baseia-se maioritariamente nas avaliações efetuadas pela ECHA e EFSA, que consideraram o glifosato como não carcinogénico e desprezaram o risco associado ao glifosato. Esta renovação, considero ser negativa, tal como mostra o parecer dos Estados Membros, visto que a maioria requerida para aprovar a proposta não foi alcançada na votação a 13 de outubro.

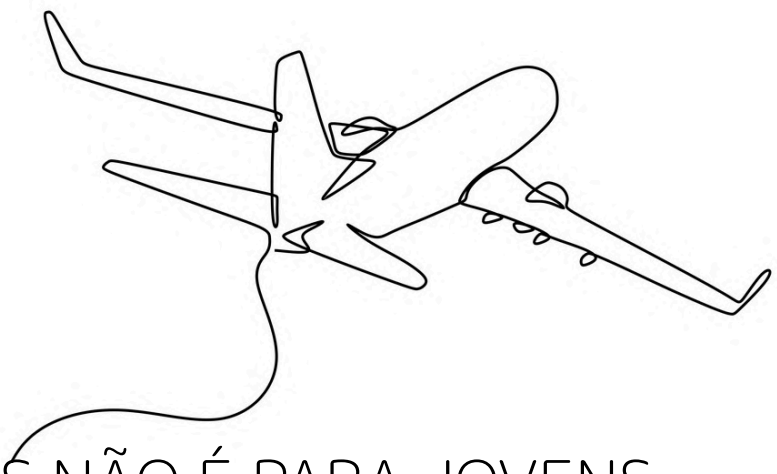
Numa época onde a sustentabilidade e alterações climáticas são palavras-chave, os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU, nomeadamente: Erradicar a fome (nº2); Assegurar padrões sustentáveis de consumo e produção (nº12); Proteger a Vida Marinha (nº14) e Proteger a Vida Terrestre (nº15), não são tidos em conta nesta proposta. Ademais, a *Pesticide Active Network Europe* (PAN) desenvolveu um documento que elabora várias práticas agrícolas alternativas para a prevenção e monitorização das ervas daninhas nas culturas (ex. *mulching, reduced-tillage* e bio-controlo).

Portanto, esta proposta só beneficia empresas que vendem estes herbicidas e que não exploram o ramo da inovação sustentável, bem como agricultores de metodologia convencional ou pouco informados acerca do glifosato. Neste momento, resta aguardar o resultado do *Appeal Committe*, não descartando da pressão social, que em 2017 contribuiu para a redução da aprovação de dez para cinco anos através da *European citizens' Initiative*.

Maria Carolina Santos

Alumna da Escola Superior de Biotecnologia
(Católica no Porto)

D.



ESTE PAÍS NÃO É PARA JOVENS

Há poucos dias, ficámos a saber que Portugal apresenta mais uma estatística preocupante. Em Agosto, Portugal era o sétimo Estado da União Europeia com maior desemprego jovem: 20,3%.

São dados de um país real, não da nação de fantasia que só existe na propaganda do Governo. Uma sondagem recente revela que 54% dos portugueses entre os 18 e os 34 anos admitem emigrar por motivos tão diversos como a instabilidade financeira, os baixos salários e os crescentes problemas relacionados com a habitação.

"Uma sondagem recente revela que 54% dos portugueses entre os 18 e os 34 anos admitem emigrar (...)."

Dizem-nos que esta é a geração mais qualificada de sempre, mas omite o reverso da medalha: esta é também a geração mais penalizada de sempre face às expectativas criadas. Isto porque o elevador social, no nosso país, está em permanente avaria. Sem valorização financeira e profissional, os jovens procuram lá fora o que não encontram cá dentro.

Chamam-lhe "fuga de cérebros", chamam-lhe "emigração qualificada". Seja qual for o rótulo, estamos perante um problema que nenhuma agência de comunicação consegue ocultar. Neste país há um quarto de século em estagnação económica, quase três em cada quatro jovens recebem menos de 950 euros líquidos por mês. Quando emigram, ganham duas ou até três vezes mais.

Um estudo da Fundação José Neves revelou que a disparidade salarial entre quem tem e quem não tem formação superior diminui a grande velocidade. O mesmo trabalho confirma que entre 2011 e 2022 houve uma redução do salário médio dos licenciados, baixando de 1570 para 1359 euros. Outra conquista do socialismo.

D.

"O mesmo trabalho confirma que entre 2011 e 2022 houve uma redução do salário médio dos licenciados, baixando de 1570 para 1359 euros."

Sem surpresa, neste quadro deprimente, Portugal é um dos países da União Europeia onde os jovens abandonam cada vez mais tarde a casa dos pais, bem acima da média comunitária.

«*A realidade tem avançado mais depressa do que as medidas*», disse o primeiro-ministro, numa entrevista recente a um canal de televisão sobre as medidas para habitação. Uma extraordinária confissão de impotência que é também o reconhecimento da incompetência do seu Governo, de nada lhe valendo a maioria absoluta de que dispõe na Assembleia da República.

Nos últimos anos, consolidou-se a ideia de que este não é um país para jovens. No primeiro trimestre de 2023, desapareceram 105 mil empregos para licenciados. Foi a maior redução desde 2011.

"No primeiro trimestre de 2023, desapareceram 105 mil empregos para licenciados. Foi a maior redução desde 2011."

Isto acontece quando temos a maior carga tributária de sempre: 36,4% dos rendimentos médios são devorados pela máquina fiscal. Cada português paga hoje mais três mil euros por ano em impostos e contribuições do que fazia em 2015, quando nasceu a geringonça. Segundo a DECO, sete em cada dez famílias portuguesas enfrentam dificuldades financeiras.

O que responde a isto o chefe do Governo? «*Comigo, não há ilusões, portanto não há frustrações.*» Parece a confissão de um resignado à mediocridade reinante. Incapaz de promover as reformas sempre adiadas, incapaz de oferecer alguma esperança aos portugueses.

Não nos resignemos nós, jovens. Temos o direito, e até o dever, de construir novas soluções, novas políticas e novos horizontes. Se o que está não serve, como a realidade demonstra, é preciso mudar. Tão cedo quanto possível. Por nós e por todos os que virão a seguir!

Patrícia Gilvaz

Deputada à AR pela IL

ARTE EM DESTAQUE

Maria Ana Bobone

SER FADISTA NA VIRAGEM DO SÉCULO

Vim para o fado mais ou menos por acaso. Sempre estive rodeada de música; na minha infância era habitual tocar e cantar a vozes, ouvir música, como se isso fizesse parte da vida normal de todas as famílias. Comecei por aprender piano e cedo, aos 12 anos, o meu pai ofereceu-me um gravador multi-pistas, um equipamento bastante técnico que permitia gravar várias vozes ou instrumentos de cada vez e depois ouvir o resultado em simultâneo, com a crença de que isso me iria desenvolver a capacidade criativa e as compe-tências musicais.

"(...) na minha infância era habitual tocar e cantar a vozes, ouvir música, como se isso fizesse parte da vida normal de todas as famílias."

Assim, passava as tardes da minha adolescência a recriar e a gravar as músicas de que mais gostava que iam desde a Joan Baez, ao Elton John, passando pelas músicas que ouvia nas novelas mais icónicas da globo (como o Roque Santeiro ou a Tieta do Agreste). Nesta altura, já estudava no Conservatório de Lisboa e aprendia as bases que me permitiam acompanhar-me ao piano e, de vez em quando, mesmo quase sem idade para lá entrar, juntava-me ao Rodrigo d'Orey, no Xafarix para cantar em dueto no fim da noite. Aos domingos, cantava no coro da igreja de Santos-o-Velho, com um grupo de amigos e foi aí que o veterano fadista João Braga me ouviu pela primeira vez, quando cantei a solo uma Avé Maria que havia de me acompanhar para o resto da vida.

A minha vida fadista começou aos 16, e desde o primeiro dia fui acompanhada por guitarristas que também acompanharam a Amália Rodrigues, como o José Luís Nobre Costa e o Professor Joel Pina, e o Jaime Santos (jr), sempre orientada pelo João Braga, para um género musical que me era absolutamente estranho e que eu considerava uma música de para adultos que não tinha um ..... de "cool". No entanto, a vida assim ditava, e eu ia deixando fluir. Comecei a conhecer e a sentir esta herança pela mão de quem a sabia desde sempre, os mais velhos, que me acolheram com paciência e o desconto que se faz a uma miúda adolescente que ainda está a aprender. Assim, pude beber diretamente da fonte e deixar-me envolver por esta arte tão especial que é o fado. Também cedo, aos 19, gravei o meu primeiro disco e comecei um caminho de viagens, concertos, discos que me permitiu levar o fado a muitos países.

"Comecei a conhecer e a sentir esta herança pela mão de quem a sabia desde sempre, os mais velhos, que me acolheram com paciência e o desconto que se faz a uma miúda adolescente que ainda está a aprender."

Tendo nascido no ambiente da música clássica, a minha postura no fado foi sempre pouco convencional, o que, para uma tradição de raiz tão forte é sempre desafiador. Faltava-me a rudeza, a raça, a rua. O meu estilo era considerado depurado, mais contido, menos fadista, no sentido original do termo, e mais musical. Isso trouxe-me algumas dificuldades no caminho, mas também me apontou claramente a direção que devia seguir. Foi assim que fui personalizando cada vez mais a minha abordagem ao fado e, tentando misturar-me com ele sem que nenhum de nós se desvirtuasse, encontrei uma nova/velha forma: o fado ao piano. Algo que já existia na história do fado, mas que se foi perdendo no tempo. Uma forma que me servia na perfeição e que me permitia ser eu, explorar uma abordagem própria, dentro deste universo fadista.

Assim comecei um novo caminho. Compondo, fazendo arranjos, mantendo sempre um pé na raíz e cantando todas as semanas numa casa de fados, o que me mantém ligada a velhos e novos que são os guardiões atuais desta forma de arte.

"(...) mantendo sempre um pé na raíz e cantando todas as semanas numa casa de fados, o que me mantém ligada a velhos e novos que são os guardiões atuais desta forma de arte."

Tem sido um caminho de descoberta, a conhecer sempre melhor e a honrar esta tradição que é nossa. A criação de instituições como o Museu do Fado, e a elevação do fado a Património cultural imaterial pela Unesco, foram impulsos para despertar o interesse de novos jovens, mas também de editoras, produtores, câmaras municipais e, finalmente, do público em geral. Quando se criam condições, os artistas correspondem e dão as suas interpretações e criações, trazendo a vitalidade que é necessária para que um género se mantenha vivo e saudável..! Tenho uma avaliação muito positiva do panorama atual, e fico feliz que perceber que os portugueses acolhem as suas tradições de forma ativa, consumindo a música, e indo a concertos, acompanhando a abertura artística do fado. Feliz também porque há cada vez mais jovens a estudar, a cantar e a tocar, procurando as tertúlias mais autênticas, agora adaptadas ao séc XXI, mas que ainda se formam espontaneamente para que aconteça Fado. Esse, que no fim, continua muito vivo e cada vez mais "cool"!

"Tem sido um caminho de descoberta, a conhecer sempre melhor e a honrar esta tradição que é nossa."

Maria Ana Bobone

Fadista portuguesa

D.

OS PREFERIDOS

Livro favorito?
Siddharta, de Herman Hesse, pelo modo como ajuda a perceber o sentido da existência e o significado da liberdade.

Filme favorito?
A vida é bela, pois mostra como é possível, mesmo no mais ignóbil sofrimento, dar um sentido à vida e que, mesmo num campo de concentração, cada um conserva – como lembra Viktor Frankl – a liberdade para se suplantar e para viver com um sentido.

Viagem de sonho?
Nova Zelândia e Bora-Bora – uma viagem que chegou a estar programada em tempo de Covid, mas que, com o agravamento da pandemia, acabou por não se concretizar, e que, provavelmente, por exigir a disponibilidade de várias semanas no nosso Inverno, não se concretizará nos tempos mais próximos...

D.

Prato preferido?
Um caril de marisco bem picante.

Uma memória?
O nascimento da nossa primeira filha, em 1990, por tudo o que significa para um casal o nascimento de um filho.

Na secretária o que nunca falta?
O computador…

Para começar bem o dia, o que não pode faltar?
Uma chávena grande de café com leite e um iPad para ler os jornais.

Como ocupa os seus tempos livres?
Idealmente, perto do mar e, melhor ainda, numa praia.

Qual o seu lema de vida?
"Solo se vive una vez…" e, por isso, há que aproveitar e tirar proveito da vida.

Se pudesse escolher outra profissão, qual seria?
Psicólogo – estava a estudar para medicina, mudei a meio do 12.º ano para direito, os testes psicotécnicos davam economia, mas verdadeiramente fascinou-me sempre estudar a psicologia humana.

Qual o tema da atualidade que mais o faz pensar?
A emigração dos jovens portugueses que se sentem forçados - nem sempre é assim - à procura de melhores empregos e melhores remunerações, pois são um sinal da mediocridade do desenvolvimento de um país que não é capaz de oferecer um horizonte de esperança aos seus filhos.

Se pudesse mudar um aspeto em Portugal qual seria?
A nossa reduzida capacidade de planeamento e a nossa tendência para, mesmo em ambientes profissionais, improvisarmos em cima da hora, sem grande reflexão prévia.

Rui Medeiros

Professor Catedrático da Faculdade de Direito
(Católica em Lisboa)

D.

A EQUIPA DO DIURNA. DESEJA-LHES UMA ÓTIMA LEITURA.

Diurna.

OS TEXTOS DOS AUTORES CONVIDADOS
NÃO SÃO SUJEITOS A QUALQUER PROCESSO
DE REVISÃO, POR RESPEITO AO ESTILO
PRÓPRIO DE CADA UM.

D.

D.

Direção Nacioanal

Diretor Nacional
Catarina Andrade

Editor in Chief - Porto
Beatriz dos Reis Nobre

Editor in Chief - Lisboa
Maria Pia Silva

Equipa Editorial

Porto
Duarte Proença de Carvalho
Aurora Campos
Catarina Samões
Alexandra Carvalho

Lisboa
Vicente Baltazar
Rui Lopo
Ana Lorena de Sèves
Rita Menezes

Braga
David Gomes Vaz

Viseu
Francisco Burello

Marketing Management

Diana Sanches
Adriana Menezes

O Jornal Nacional dos Estudantes da Universidade Católica Portuguesa

Porto | Lisboa | Braga | Viseu